

UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA
INSTITUTO SUPERIOR DE ECONOMIA E GESTÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM CONTABILIDADE,
FISCALIDADE E FINANÇAS EMPRESARIAIS

**A INFLUÊNCIA DA OPINIÃO DO AUDITOR NA
CONTINUIDADE DA PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS DE
AUDITORIA**

Miguel Ângelo Libânio dos Santos

Orientador: Mestre António Carlos de Oliveira Samagaio

Júri:

Presidente: Doutor Eduardo Barbosa do Couto, professor auxiliar do Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade Técnica de Lisboa.

Vogais: Mestre Inês Maria Galvão Teles Ferreira da Fonseca Pinto, assistente do Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade Técnica de Lisboa.

Mestre António Carlos de Oliveira Samagaio, assistente do Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade Técnica de Lisboa.

Lisboa, Dezembro 2011

RESUMO

O presente estudo empírico tem como objectivo analisar em que medida a continuidade da prestação de serviços de auditoria é afectada pela opinião da empresa de auditoria (Auditor).

Recorrendo a dados de uma amostra de 3.369 empresas, recolhidos com base nos modelos de Informação Empresarial Simplificada (IES) das empresas portuguesas para o período de 2006 a 2009, verificámos que a emissão de uma opinião com ênfases ou uma opinião com reservas e ênfases está positivamente associada à mudança de auditor.

Adicionalmente, os resultados mostram que existe uma associação positiva entre a mudança de auditor e as dificuldades financeiras da empresa, assim como uma associação negativa com a dimensão do auditor.

Este estudo mostra alguma evidência da existência de *audit shopping* em Portugal.

Palavras-chave: Mudança de auditor, Opinião qualificada

ABSTRACT

The objective of this empirical study is to analyse in what extent the continuity of provision of audit services is affected by the opinion of the auditing firm (Auditor).

Based on data from a sample of 3,369 companies, based on the Simplified Business Information (IES) of Portuguese companies for the period 2006 to 2009, we found that the issuance of an opinion with emphasis or a qualified opinion with emphasis is positively associated with the change of auditor.

Additionally, the results show that there is a positive association between the change of auditor and the financial distress, as well as a negative association with the size of the auditor.

This study shows some evidence of the existence of audit shopping in Portugal.

Keywords: Auditor change, Qualified opinion

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Mestre António Carlos de Oliveira Samagaio pelos apoios despendidos e importante contributo técnico tornando possível a realização da presente investigação.

Ao Instituto Nacional de Estatística e à Informa D&B, duas entidades que, ao disponibilizarem os dados relativos à Informação Empresarial Simplificada, tornaram possível a análise empírica presente neste trabalho.

À minha esposa e aos meus filhos Eduardo Santos e Gabriela Santos pelo tempo que lhes retirei e por todo o apoio, carinho, compreensão e importante incentivo ao longo de todo o mestrado.

A uma pessoa muito especial que me ensinou a importância de estudar. A ti, estejas tu onde estiveres, te dedico esta tese. Mãe, muito obrigado!

ÍNDICE GERAL

RESUMO	I
ABSTRACT	II
AGRADECIMENTOS.....	III
ÍNDICE GERAL	IV
LISTA DAS TABELAS	V
LISTA DE ABREVIATURAS	VI
CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO II – REVISÃO DA LITERATURA.....	11
2.1 Papel da Auditoria.....	11
2.2 Auditing Shopping	13
2.3 Síntese e objectivo do trabalho	20
CAPÍTULO III – DADOS E METODOLOGIA.....	22
3.1 Amostra	22
3.2 Modelo empírico de base.....	25
3.2.1. Variável dependente	26
3.2.2. Variáveis independentes	26
3.3 Modelo empírico com a manipulação dos resultados	32
CAPÍTULO IV – ANÁLISE DOS RESULTADOS	35
4.1 A alteração de auditor	35
4.2 Estatística descritiva.....	35
4.3 Análise Multivariada.....	37
4.3.1 Modelo 1.....	37
4.3.2 Modelo 2 – Introdução dos EM	41
4.4 Análises adicionais	42
CAPÍTULO V – CONCLUSÕES, LIMITAÇÕES E INVESTIGAÇÃO FUTURA	46
BIBLIOGRAFIA	48

LISTA DAS TABELAS

Tabela 1 – Resumo de alguns estudos em matéria de alteração de auditores	13
Tabela 2 – Descrição da amostra seleccionada	23
Tabela 3 – Estatística descritiva da amostra final.....	24
Tabela 4 – Proporção da Mudança de Auditor	35
Tabela 5 – Estatística Descritiva das variáveis do modelo	36
Tabela 6 – Matriz de correlações	37
Tabela 7 – Resultados da regressão do modelo 1 original	38
Tabela 8 – Resultados da regressão do modelo 1 reformulado	38
Tabela 9 – Análise comparativa com estudos anteriores	40
Tabela 10 – Resultados da regressão do modelo 2	41
Tabela 11 – Dimensão e subsequente mudança de auditor	43
Tabela 12 – Distribuição da mudança de auditor categorizada pela opinião antes da mudança e anterior e posterior dimensão do auditor	43
Tabela 13 – Frequência da primeira vez que a qualificação se repetiu no ano seguinte (por categoria de Auditor).....	44
Tabela 14 – Frequência da qualificação subsequente a uma mudança de auditor por tipo de auditor.....	45
Tabela 15 – Descrição da amostra de 824 empresas que mudaram de auditor entre 2007 e 2009.....	45

LISTA DE ABREVIATURAS

- Big 4** As quatro maiores empresas internacionais de auditoria, a partir da falência da Arthur Andersen (Pricewaterhousecoopers, KPMG Peat Marwick, Deloitte Touche e Ernst & Yong)
- Big8** As oito maiores empresas de auditoria (Arthur Andersen; Arthur Young ; Coopers & Lybrand; Deloitte Haskins & Sells; Ernst & Whinney; Klynveld, Peat, Marwick Goerdeler and Price Waterhouse and Touch Ross).
- CEO** *chief executive officer*
- CFO** *chief financial officer*
- CLC** Certificação Legal das Contas
- EUA** Estados Unidos da América
- GB** Grã-Bretanha
- IES** Informação Empresarial Simplificada
- INE** Instituto Nacional de Estatística
- ISA** *International Standard on Auditing* (da IFAC) – Norma Internacional de Auditoria
- OROC** Ordem dos Revisores Oficiais de Contas
- ROC** Revisor Oficial de Contas
- SAS** *Statements on Auditing Standards*
- UK** *United Kingdom*

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO

A necessidade de auditorias independentes às demonstrações financeiras, que inspirem confiança e prestem garantias razoáveis de fiabilidade da informação financeira, tem aumentado à medida que o mundo se torna cada vez mais global. Essa necessidade assumiu maior importância após uma crise de confiança no papel do auditor, enquanto órgão independente, em resultado dos escândalos registados na última década, quer nos Estados Unidos, casos da Enron e Worldcom, quer na Europa, casos da Parmalat e Adecco. Com o objectivo de restabelecer a confiança dos utentes na informação financeira auditada, registaram-se alterações ao nível de regulamentação da auditoria, com especial destaque para a Lei Sarbanes-Oxley de 2002 nos Estados Unidos e Directiva 2006/43/CE, do Parlamento Europeu e do Conselho (8ª Directiva) na Europa.

Embora a envolvente legal que regula o exercício da profissão tenha evoluído nos últimos anos, algumas empresas mudam regularmente de auditor com o objectivo de obter uma opinião desejada em relação a uma questão contabilística ou às demonstrações financeiras como um todo. Na literatura esta situação é denominada por *Opinion Shopping* (compra de opinião). Esta situação é extremamente preocupante pois levanta questões relacionadas com a independência do auditor. Caso um auditor não seja visto como um agente independente da gestão, então a auditoria perde o valor para todas as partes (Beattie e Fearnley, 2002).

Alguns estudos concluíram que as empresas não são bem sucedidas na compra de opinião, em resultado das opiniões após a mudança não serem menos modificadas do que antes da mudança (Chow and Rice, 1982; Smith, 1986; Krishnan, 1994; Krishnan and Stephens, 1995). Em sentido oposto, Lennox (2000) concluiu que as empresas

teriam recebido mais frequentemente relatórios desfavoráveis perante diferentes decisões de mudança, o que sugere que as empresas efectivamente “compram a opinião”. Por outro lado, DeAngelo (1982) argumentou que a relação de causa pode ocorrer em ambas as direcções, isto é, opiniões qualificadas podem levar á mudança de auditor, ou a mudança de auditor pode levar á emissão de opiniões qualificadas.

O presente estudo empírico tem como objectivo principal analisar a relação entre a opinião de auditoria e a posterior permanência ou mudança de auditor por parte das empresas portuguesas. Este trabalho pretende contribuir para o conhecimento sobre a temática em vários domínios. Em primeiro lugar, a ausência de trabalhos sobre esta temática aplicada à realidade portuguesa. A maioria dos estudos desenvolvidos teve em consideração principalmente os países anglo-saxónicos. O enquadramento legal, mercado de auditoria e cultural são factores não generalizáveis a outros ambientes e que podem ter influência na independência dos auditores e consequentemente no fenómeno da “compra de opinião”. Ao contrário dos países anglo-saxónicos, a estrutura empresarial portuguesa é dominada por empresas em que os accionistas são também gestores. Em segundo lugar, a literatura indica que as empresas BIG4 apresentam trabalhos de melhor qualidade (e.g. DeAngelo, 1981). A maioria dos estudos não distingue mudanças entre auditores de idêntica dimensão ou de dimensões diferentes (BIG4 ou outras). Em terceiro lugar, a maioria dos estudos consideram a opinião de auditoria como uma variável dicotómica (qualificada, não qualificada) (e.g. Chow e Rice, 1982). Contudo, esta deverá considerar as diferentes modalidades da opinião qualificada (Craswell, 1988). Em quarto lugar, a maioria dos estudos identificados sobre a temática em análise foram realizados há alguns anos. Adicionalmente, nesta última década ocorreram alterações significativas na legislação que regula a profissão (e.g. 8.^a directiva da EU, Norma Internacional sobre o Controlo de Qualidade 1), factores que

podem ter tido impacto no fenómeno em estudo. Por último, considerámos a variável de controlo de manipulação de resultados na análise do sentido da mudança do auditor. A literatura indica que as empresas auditadas pelas BIG4 tendem a ter práticas menos acentuadas de manipulação de resultados (Becker et al, 1998). Por outro lado, Davidson et. al. (2006) concluíram que a probabilidade de escolher um auditor não BIG6 (auditor de menor qualidade) aumenta seguida da recepção de uma opinião modificada.

Deste modo temos em vista aferir acerca da eficácia da auditoria, como mecanismo de detecção de erros e manipulação praticada pelos gestores, bem como mecanismo que atesta a credibilidade da informação financeira.

Os resultados do nosso estudo indicam que não existe uma relação entre a opinião de auditoria e a alteração de auditor quando consideramos apenas a opinião do auditor numa perspectiva de opinião qualificada/não qualificada. Contudo, verificámos que tratando a opinião de uma forma diferenciada, em função dos tipos de opiniões possíveis, as opiniões com reservas e ênfases em simultâneo são estatisticamente significativas na explicação da alteração de auditor.

Após esta introdução, o presente trabalho encontra-se estruturado em 4 capítulos adicionais. No capítulo 2 faz-se uma análise a alguns estudos desenvolvidos anteriormente sobre a temática da mudança do auditor associada à emissão de uma opinião desfavorável. No capítulo 3 descreve-se os procedimentos para obter os dados e caracteriza-se a metodologia adoptada na investigação conduzida. Os resultados e a comparação com estudos entretanto desenvolvidos são apresentados no capítulo 4. Por último, no capítulo 5, seguem-se a discussão dos resultados e as principais conclusões.

CAPÍTULO II – REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Papel da Auditoria

A ISA 200 refere que uma auditoria concretiza-se numa opinião sobre se as demonstrações financeiras estão preparadas, em todos os aspectos materiais, de acordo com uma estrutura de relato financeiro aplicável. Para esse efeito, o exame desenvolvido pelo auditor deverá ter em consideração os princípios éticos, nomeadamente, cumprir o princípio da independência em relação ao cliente e ao trabalho.

Os serviços de auditoria são procurados como mecanismos de monitorização devido aos conflitos de interesses potenciais entre proprietários e gestores (Windmoler, 2000; Jensen e Payne, 2005). Assim, Jensen and Meckling (1976) argumentam que o auditor desempenha um papel importante na monitorização nas empresas modernas caracterizadas pela separação entre a posse e o controlo das mesmas. Em determinados casos, a apresentação de demonstrações financeiras auditadas é a resposta contratual menos dispendiosa aos conflitos de interesses entre proprietário e gestor e intra proprietários (DeAngelo, 1981).

Para Dopuch e Simunic (1980) a selecção de auditores credíveis é usada como um sinal da honestidade dos gestores. Contudo, a assimetria de poderes entre o auditor e os gestores pode enfraquecer seriamente a capacidade do auditor exercer o seu julgamento profissional de forma livre. Segundo Gul (1991) quando os honorários assumem um peso importante nas receitas totais dos auditores a percepção por parte de terceiros da capacidade destes resistirem ao poder dos gestores é negativamente afectada, sugerindo uma ligação entre reputação e independência.

Como forma de garantir aos utilizadores das demonstrações financeiras a autenticidade e confiança nas mesmas, as empresas contratam auditores independentes. Contudo, as empresas controlam o processo de contratação existindo uma quase-renda, ou seja, um rendimento extraordinário que tende a desaparecer a longo prazo com a queda das barreiras que o geravam, associada ao contrato de auditoria (DeAngelo 1981). Por outro lado, as empresas tendem a adquirir os serviços de auditoria a partir do auditor que os forneça ao preço mais baixo (Johnson e Lys, 1990). Embora o auditor pretenda proteger a reputação da firma de auditoria, as suas acções são também influenciadas pelo desejo de manter os rendimentos a partir da relação cliente-auditor (Citron e Taffler 1992; Johnson et al. 2002). Nos primeiros anos do trabalho de auditoria, a vontade em manter os rendimentos de um cliente pode levar o auditor a ser mais flexível para com este (Geiger e Raghunandan, 2002).

Perante a existência de uma forte relação económica entre o auditor e o cliente, o auditor tem um incentivo para ignorar potenciais problemas e emitir uma opinião limpa. O facto de aumentar a probabilidade de um cliente mudar de auditor na sequência de um relatório de auditoria desfavorável é susceptível de reduzir a disposição do auditor para a emissão desse relatório (Seabright et al, 1992).

Farmer et al (1987) encontraram algumas evidências de que os auditores tendem a concordar com as demonstrações financeiras das suas empresas clientes, se o risco de perderem esses mesmos clientes for maior. Contudo, Reynolds e Francis (2001) referem que a protecção da reputação do auditor e o evitar de litígios são suficientes para superar a possível perda de objectividade resultante da dependência económica. Também DeFond et al. (2002) concluiu que a perda de reputação e os custos de litígios prevalecem sobre os benefícios esperados com o comprometimento da independência.

A independência dos auditores é a garantia mínima da adequada fiscalização de uma sociedade, sendo essa fiscalização essencial à manutenção do equilíbrio do sistema e à protecção dos interesses dos investidores, credores e trabalhadores, bem como do interesse público em geral. Para Carassus (2005) a independência do auditor externo permite-lhe desempenhar um importante papel no seio da governação, quer no processo de prestação de contas, quer na redução das assimetrias de informação.

2.2 Auditing Shopping

Várias têm sido as razões apontadas ao longo das últimas décadas para a mudança de auditor, de entre essas destaca-se os honorários de auditoria (Ettredge et al., 2007), fusões e aquisições (Burton e Roberts, 1967), dificuldades financeiras (Hudaib e Cooke, 2005), alterações na dimensão do cliente (Haskins e Williams, 1990), e a opinião de auditoria (Chow e Rice, 1982). Na Tabela 1 é apresentada uma síntese dos estudos que analisaram as motivações para as empresas mudarem de auditor.

Tabela 1 – Resumo de alguns estudos em matéria de alteração de auditores

Autor(s)	Data	Country	Sample	Research	Results
Burton and Roberts (1967)	1952-1965	EUA	620 empresas da Fortune 500 das quais 83 alteraram de auditor	Envio de questionários para os gestores das 83 empresas para determinar as razões da mudança de auditor	Razões para a mudança de auditor: Alterações na Gestão Necessidade de serviços adicionais Novos financiamentos Desentendimentos sobre os princípios contabilísticos
Carpenter and Strawser (1971)	1969-1970	EUA	379 empresas que emitiram títulos pela primeira vez	Estudo de alteração de auditores quando as empresas passa a estar cotadas.	Empresas regionais e locais alteraram de auditor quando passaram a estar cotadas. Razões para a mudança de auditor: Prestígio, Reputação, Elevadas capacidades técnicas
DeAngelo (1982)	1973-1980	EUA	246 empresas de gás e petróleo	Teste da relação entre taxas de mudança de auditor e o grau em que as demonstrações financeiras da empresas petrolíferas são influenciadas pela SFAS-19, seguido de testes em que medida desacordos entre clientes e auditores, sobre as Demonstrações Financeiras, constituem um factor determinante na decisão de mudar de auditor.	Rejeitou a hipótese de que o evitar de uma opinião qualificada constitui uma forte motivação para mudar de auditor. Desacordos entre cliente e auditor sobre a norma contabilística SFAS-19, parece ser um determinante importante na decisão de mudar de Auditor.

Tabela 1 – (Continuação)

Autor(s)	Data	Country	Sample	Research	Results
Chow and Rice (1982)	1973-1974	EUA	9.460 empresas cotadas	Comparação das opiniões de auditoria emitidas pelos auditores actuais e antecessores após mudança de auditor . Análise da influência da opinião qualificada na mudança de auditor.	As empresas mudam de auditor mais frequentemente após a recepção de uma opinião qualificada. Contudo as empresas que receberam opiniões qualificadas não mudaram sistematicamente para auditores com historial de emitirem menos opiniões qualificadas. Os resultados sugerem ainda que as empresas qualificadas que alteram de auditor não tendem a obter opiniões mais limpas.
Eichenseher and Shields (1983)	1976-1977	EUA	81 CFOs de empresas cotadas que mudaram de auditor	Fornecer nova evidência das condições de procura de serviços de auditoria no mercado	As duas razões mais frequentemente citadas para a mudança de auditor são os honorários relativamente elevados e insatisfação relativamente à capacidade de resposta do auditor às necessidades do cliente.
Schwartz and Menon (1985)	1974-1982	EUA	132 empresas que preencheram um pedido de falência e 132 que não o fizeram	Análise da motivação para alteração de auditor entre empresas falidas	As empresas falidas têm uma grande tendência a mudar de auditor mas não existe uma associação entre essa mudança e a opinião emitida no ano anterior à mudança. Não existe uma diferença na propensão para a mudança entre as empresas de pequena e de grande dimensão. Para empresas em falência a tendência é a de mudar para uma empresa de auditoria de menor dimensão. Adicionalmente estas empresas com dificuldades financeiras apresentam maior propensão a mudar de auditor do que as empresas saudáveis, por razões de necessidade de novos serviços, dificuldades em pagar honorários ou desacordo com o auditor responsável em matéria de políticas contabilísticas ou de relato.
Healy and Lys (1986)	1977-1978	EUA	110 clientes envolvidos na fusão da Touche Ross-Laser (1977) e na fusão da Ernst & Ernst-Leidesdorf (1978)	Análise da reacção dos clientes, de auditores não pertencentes às BIG8, à fusão desses auditores com as BIG8.	Os clientes de maior (menor) dimensão e com taxas de crescimento dos activos superiores (inferiores) antes da fusão estão dispostos a continuar (mudar) com o auditor BIG8 fundido.
Smith (1986)	1982-1984	EUA	139 empresas cotadas que mudaram de auditor	Determinar quando o tipo de relatórios de auditoria emitidos nos períodos ligados a uma mudança de auditor são consistentes com a existência de compra de opinião.	Apenas 4% da mudanças de auditor, após a emissão de uma opinião qualificada, resultam em desacordos entre os novos auditores e os anteriores acerca da necessidade da qualificação.
Francis and Wilson (1988)	1978-1985	EUA	196 empresas cotadas que mudaram de auditor	Testar se há uma associação positiva entre os custos de de agência de uma empresa e sua procura por uma auditoria de qualidade diferenciada.	Os testes dão suporte à hipótese de associação entre custos de agência e a alteração de um auditor BIG8 após controlo dos efeitos da dimensão e crescimento do cliente. Nem o crescimento ou dimensão do cliente, nem os custos de agência, explicam uma larga proporção da procura por auditores de maior dimensão ou BIG8.
Williams (1988)	1977-1982	EUA	186 empresas cotadas que mudaram de auditor e outras 186 que não mudaram.	Tentativa de determinar uma resposta mais concreta à questão da mudança de auditor. Desenvolver uma explicação para a mudança de auditor e para identificar alguns dos factores que contribuem para a mudança de auditor.	OS clientes são mais propensos a mudar de auditor quando a sua relação tem menos tempo e o auditor tem menor especialização da indústria e quando o cliente recebe atenção negativa dos meios de comunicação social.

Tabela 1 – (Continuação)

Autor(s)	Data	Country	Sample	Research	Results
Haskins and Williams (1990)	1985-1986	EUA	5.154 empresas cotadas auditadas por uma BIG N	Investigação da natureza contingente de vários factores da mudança de auditor, dos níveis de importância relativa desses factores e mudanças de auditor entre empresas de auditor de grande dimensão (intra-Big8) desenvolvendo um modelo descritivo de base ampla para a classificação de mudanças de auditor intra-Big8 o qual aborda estas questões.	As empresas em dificuldades financeiras e as empresas com elevado crescimento têm maior propensão a mudar de auditor, enquanto que a probabilidade de mudar de cliente se encontra negativamente correlacionada com a dimensão do cliente, quota de mercado e expansão.
Johnson and Lys (1990)	1973-1982	EUA	603 empresas cotadas que mudaram de auditor, e uma amostra de controlo com 147 empresas que não mudaram	Estudo da mudança de auditores num ambiente de aquisição de empresas	Os clientes alteram de auditor em resposta a honorários relativamente mais elevados, e os novos auditores tendem a praticar honorários reduzidos no período inicial do contrato de serviços. Os clientes em crescimento tendem a substituir os auditores por auditores de maior dimensão.
Teoh (1992)	1973-1988	EUA	A amostra final consiste em 1.263 dados de empresa/ano	Análise da decisão de qualificação do auditor confrontada com a possibilidade de o cliente vir a mudar de auditores caso seja emitida uma opinião qualificada	Considera dois tipos de auditores: mecânico e estratégico. O mecânico avalia a situação do cliente e emite um parecer, sem considerar a possibilidade de uma mudança pelo cliente. No entanto, o auditor estratégico envolve-se numa análise de custo-benefício, especificamente o equilíbrio dos custos da perda do cliente (se uma mudança seguir-se à emissão de opinião), contra os custos dos litígios associados com a emissão de uma opinião errada. O cliente, por outro lado, está disposto a mudar após a recepção de uma opinião qualificada, caso os custos associados sejam suficientemente baixos, ou se o valor da empresa for suficientemente elevado.
DeFond (1992)	1979-1983	EUA	101 alterações de auditores (de não BIG N para BIG N) e 30 alterações entre auditores de idêntica dimensão	Estudo da relação dos conflitos de agência na determinação do nível de necessidade de auditorias para credibilizar a gestão perante investidores actuais e potenciais.	Os clientes são mais propensos a mudar para um auditor BIG N a partir de um auditor não BIG N à medida que a posse da gestão diminui e a influência do cliente aumenta (isto é, à medida que aumentam os custos de agência)
Anderson et al. (1993)	1978-1985	Australia	60 aquisições de empresas	Estudo de mudança de auditor em ambiente de aquisição de empresas.	As empresas adquiridas normalmente alteram para o auditor da empresa adquirente, especialmente se ocorrerem mais aquisições que resultem em entidades cooperativas
Krishnan (1994)	1986-1987	EUA	2.989 observações anuais de empresas	O estudo foca-se no processo de formulação da opinião de auditoria, para clientes que mudaram e clientes que não mudaram de auditor no ano anterior à mudança. Em particular examina a possibilidade de a mudança de auditor resultar não da recepção de uma opinião qualificada mas antes da utilização de julgamentos conservadores por parte dos auditores para alguns clientes.	Os auditores tratam os clientes que mudam de auditor (face aos que não mudam) de uma forma mais conservadora, ao emitirem a opinião de auditoria. OS Clientes tendem a alterar de auditor devido ao conservadorismo global dos auditores, e não directamente em resultado da emissão de opiniões qualificadas pelo auditor precedente.

Tabela 1 – (Continuação)

Autor(s)	Data	Country	Sample	Research	Results
Beattie and Fearnley (1995)	1992	UK and Irland	210 empresas cotadas	Explora a importância das características da empresa de auditoria e os factores motivadores da mudança de auditor	Os clientes que ponderaram alterar de auditor mas que mantiveram o auditor, normalmente não mudaram devido a uma redução de honorários de auditoria.
Krishnan and Stephens (1995)	1986-1988	EUA	2.104 empresas cotadas	Comparação entre as decisões de auditoria do auditor anterior e posterior para clientes que mudaram de auditor, relativamente ao tratamento dos auditores dos clientes que não mudaram.	Os clientes são mais propensos a mudar de auditor após a recepção de uma opinião qualificada do que após uma opinião não qualificada, mas geralmente não são capazes de atrair novos auditores que emitam opiniões não qualificadas uma vez emitida uma opinião qualificada por parte do auditor precedente.
Krishnan et al. (1996)	1986-1988	EUA	1.878 empresas cotadas	Análise da relação entre opinião de auditoria e mudança de auditor numa perspectiva bidireccional	Os clientes são mais propensos a mudar de auditor após a recepção de uma opinião qualificada do que após uma opinião não qualificada, mas a probabilidade de os auditores virem a emitir uma opinião qualificada é superior após a mudança de auditor.
Behn et al. (1997)	1997	EUA	434 controlers da Fortune 1000	Investigação da relação entre satisfação de cliente, características da qualidade de auditoria, mudança de auditor e experiência profissional	A satisfação do cliente diminui, à medida que a relação entre Cliente e Auditor progride, conduzindo à mudança de auditor.
Beattie and Fearnley (1998)	1998	UK and Irland	508 empresas cotadas	Elucidar sobre a percepção dos factores que influenciam a relação auditor-cliente e indicação de influência relativa dos factores económicos e comportamentais.	A maioria (55%) das mudanças de auditor foram precedidas de propostas de uma futura empresa de auditoria
Lennox, C. (2000)	1988-1994	UK	949 empresas cotadas	Testa a existência de "opinion-shopping" através da previsão das opiniões que as empresas teriam recebido caso tivessem feito uma decisão de mudança oposta	Perante decisões de mudança diferentes as empresas teriam recebido mais vezes relatórios desfavoráveis. Isto sugere que as empresas são bem sucedidas na prática de "opinion-shopping"
Woo and Koh (2001)	1986-1995	Singapura	54 empresas cotadas que mudaram de auditor e 54 que não mudaram	Identificar os factores associados à mudança de auditor.	À medida que os custos de agência aumentam os clientes estão mais propensos a mudar de auditor.
Firth, M. (2002)	1996	GB	Demonstrações Financeiras do exercício de 1996 de 1.112 empresas cotadas na " International Stock Exchange"	Examinar o fornecimento de outros serviços não de auditoria (consultoria) aos clientes de auditoria com recurso a dados da Grã-Bertanha, analisando o impacto desses serviços nos honorários de auditoria e a associação entre serviços de consultoria e a incidência de serviços de relatórios de auditoria qualificados.	As empresas com honorários de consultoria mais elevados são mais propensas a receber uma opinião de auditoria limpa. Tal poderá acontecer devido ao facto de os trabalhos de consultoria limpem áreas problemáticas na empresa ou devido aos honorários de consultoria elevados prejudicarem a independência do auditor. Com os dados disponíveis, não foi possível distinguir entre estas duas razões.

Tabela 1 – (Continuação)

Autor(s)	Data	Country	Sample	Research	Results
Lennox (2002)	1996-1998	EUA	828 demissões de auditores e 18,445 permanências de auditor (N=19,273: 17,952 opiniões não modificadas e 1,321 modificadas)	Investigação do grau de participação dos comités de auditoria na decisão de demissão do auditor.	As empresas destituem estrategicamente os auditores caso sejam mais propensos a emitir relatórios de auditoria desfavoráveis que os auditores recém-nomeados (a compra de opinião motivou 17% das demissões dos auditores). Foi estimado que 15% dos comités de auditoria não participam nas decisões de demissão do auditor, contudo a compra de opinião não se encontra significativamente associada com a participação.
Gómez-Aguilar, N. and Ruiz-Barbadillo, E. (2003),	1991-1996	Espanha	735 empresas	Investigação se as empresas espanholas empregam estratégias deliberadas na escolha do auditor para evitar uma opinião de auditoria qualificada	Não encontraram nenhum aumento na probabilidade de mudança de auditor na sequência de uma opinião de auditoria qualificada. As conclusões foram no sentido de as empresas, cuja opinião foi qualificada, serem muito menos propensas a mudar para auditores de qualidade superior comparativamente a empresas com opinião não qualificada, quando esta qualidade é medida através da especialização do auditor, marca, dimensão e conservadorismo dos auditores. Para as 92 empresas qualificadas que mudaram de auditor a possibilidade de uma qualificação posterior está significativamente relacionada com a qualidade do auditor seleccionado.
Vanstraelen (2003)	1988-1999	Belgica	1.176 empresas (392 em falência, 392 com dificuldades financeiras mas não em falência, 392 sem dificuldades financeiras e não em falência)	Investigação da ameaça de perdas resultantes da alteração de auditores e falência das empresas clientes no contexto regulamentar da Bélgica.	Caso o auditor emita uma opinião qualificada relativa a continuidade no terceiro ano de um contrato de auditoria de 3 anos os clientes são menos propensos a renovar o contrato do que se essa opinião for emitida no primeiro ou segundo ano.
Davidson, Wallace N., Jiraporn, Pomsit and DaDalt, Peter J. (2004)	1993 to 1997	EUA	1.132 auditor changes	Propuseram que quando as empresas não recebem uma opinião não qualificada e alteram de auditor de uma BIG6 para um auditor de pequena dimensão, estarão perante "audit opinion shopping". Mudando de auditor e possivelmente recebendo uma auditoria de menor qualidade, estas empresas estão a praticar "earnings management"	Quando as empresas com uma opinião modificada escolhem alterar de auditor são mais propensas a escolher um auditor não BIG6 do que as empresas que também alteram mas que recebem uma opinião não qualificada.
Hudaib and Cooke (2005)	1987-2001	UK	297 empresas cotadas que mudaram de auditor	Análise dos efeitos relacionados da alteração de gestão do CEO e dificuldades financeiras em conjunto com 5 variáveis de controlo na opinião de auditoria e na mudança de auditor.	As empresas com dificuldades financeiras e que mudam o seu director geral (CEO) são mais propensas a receber uma opinião qualificada. A probabilidade de mudança aumenta com a severidade da opinião.
Chan et al. (2006)	1996-2002	China	6.229 observações de empresas detidas pelo chinês.	Análise em que medida a opinião do auditor é afectada por influências económica e políticas dos governos	Perante a emissão de opiniões qualificadas, os clientes tendem a alterar de auditores não locais para locais. Esta alteração indica que as empresas detidas pelo governo chinês podem efectivamente "comprar opinião" tirando vantagem das pressões económicas a que os auditores locais estão sujeitos.

Tabela 1 – (Continuação)

Autor(s)	Data	Country	Sample	Research	Results
Carey et al. (2008)	1994-1997	Australia	136 empresas com dificuldades financeiras que receberam uma opinião qualificada pela continuidade ou a opinião qualificada standard.	Análise dos custos potenciais para os auditores australianos e para os seus clientes decorrente da emissão pela primeira vez de opiniões de auditoria modificadas por continuidade.	Os clientes que recebem opiniões qualificadas por continuidade são mais propensos a mudar de auditor do que os que recebem opiniões limpas.
Weiss and Kalbers (2008)	1999-2006	EUA	2.237 mudanças de auditor	Análise dos determinantes da mudança de auditor, verificando também a reação do mercado de capitais a essa mudança.	Quer os clientes com aumento de rendimentos de acruais discricionários quer os que registaram diminuição tenderam a mudar de auditor.
Ismail, Shahnaz, Ali Ahmed, Huson Joher, Md.Nassir, Annuar and Abdul Hamid, Mohammad Ali (2008)	1997-1999	Malaysia	23 empresas que registaram 26 mudanças de auditor e 26 empresas que não mudaram	Identificar os principais determinantes da mudança de auditor	Variáveis como o crescimento do volume de negócios, permanência do auditor e honorários, são determinantes significativos da mudança de auditor, contudo a recepção de relatórios qualificados não constitui um factor justificativo.
Ettredge et al.(2010)	2004-2007	EUA	13,722 observações (empresas/ano)	Investigação da associação entre opiniões adversas sobre controlo interno sobre as demonstrações financeiras e maior probabilidade de subsequentes demissões dos auditores. Explora em que medida as empresas com opiniões adversas tendem a contratar novos auditores mais qualificados(Big 4 ou auditores especializados) comparativamente com empresas que alteram após receberem uma opinião favorável. Análise da associação entre a contratação de auditores mais qualificados com opiniões mais favoráveis após a mudança de auditor.	Quando uma empresa recebe uma opinião adversa relativamente a controlo interno, o comite de auditoria é mais propicio a demitir os auditores. Após a alteração de auditor, as empresas com opiniões adversas são mais propensas a contratar auditores de maior qualidade (Big 4 ou especializados) do que as empresas com controlo interno efectivo que também alteraram de auditor.

A compra de opinião tem sido, à semelhança de várias outras razões, apontada como uma determinante na mudança de auditor após a recepção de um parecer de auditoria desfavorável. Davidson et. al. (2004) estabelecem uma subdivisão na mudança de auditor relacionada com a opinião emitida sobre as demonstrações financeiras. A

primeira categoria inclui as situações em que os gestores procuram uma auditoria de menor qualidade traduzindo-se em custos de agência. Os gestores poderão esperar utilizar o aumento na assimetria da informação em seu benefício, por exemplo através de remunerações em função de resultados. Na segunda categoria o desejo de mudar de auditores não visa distorcer os resultados, mas antes é uma consequência de desacordos sobre determinadas matérias. Esta categoria é menos gravosa pois entra na esfera das interpretações que as partes fazem sobre determinados factos.

A primeira categoria sinaliza a existência de problemas na qualidade da auditoria. De acordo com Arruñada (2000), a qualidade da auditoria depende da competência técnica, ou seja, capacidade do auditor detectar as possíveis distorções materiais presentes nas demonstrações financeiras e da independência, isto é, sua disponibilidade para transmitir uma opinião objectiva sobre essas mesmas demonstrações financeiras.

Os estudos empíricos apresentados na Tabela 1 evidenciam uma falta de consenso sobre o impacto da opinião qualificada na mudança do auditor. Para alguns autores como, Chow e Rice (1982) e Smith (1986), a mudança de auditor ocorre porque os clientes procuram auditores que sejam mais propícios a emitir uma qualificação menos severa ou venham a retirar, de uma vez, as qualificações existentes sobre as demonstrações financeiras. No entanto, Krishnan et al (1996) verificaram que os auditores têm maior propensão em emitir opiniões qualificadas aos clientes que mudam de auditor. Por outro lado, alguns estudos (Magee e Tseng, 1990; Dye, 1991; Teoh, 1992) argumentaram que a possibilidade de mudança pelo cliente pode influenciar a opinião do auditor. Por isso, a relação causal entre mudança de auditor e opinião qualificada pode ocorrer em ambos os sentidos (DeAngelo, 1982).

Segundo Craswell (1988) a associação entre opinião qualificada e mudança de auditor baseia-se nos seguintes pressupostos: existem custos associados às opiniões

qualificadas sobre as demonstrações financeiras, os gestores desejam evitar esses custos, isso pode ser conseguido através da mudança de auditor.

Segundo Firth (1978) os preços das acções diminuíram na altura da emissão de opiniões mais sérias como “continuidade” e “valorização de activos”. Chow e Rice (1982) identificaram uma reacção semelhante a respeito de qualificações relativas a “valorização de activos”. O efeito da redução da cotação das acções tem igualmente efeito na remuneração dos gestores quando esta se encontra associada a acções. Segundo Whittred (1980) a divulgação dos relatórios financeiros foi atrasada para os casos em que existiam opiniões qualificadas sendo que o prazo aumentou com a gravidade da qualificação. Deste modo a predisposição para a mudança por parte da gestão tenderá a aumentar com a severidade da opinião emitida pelo auditor. Também para Wells and Louder (1997) foi identificada evidência de que o mercado vê uma demissão de auditor como más notícias ocorrendo uma reacção negativa nos preços das acções.

A mudança de auditor pode ter conotações negativas na medida em que se encontra relacionada com oportunismo da gestão (DeFond et. al., 1998). Segundo DeAngelo (1981) existe um interesse económico por parte dos gestores na continuidade do auditor em resultado dos custos mais elevados no início de uma relação cliente-auditor. Com a alteração de auditor ocorrem custos de transacção com a pesquisa de novos auditores sendo estes maiores quanto mais séria for a qualificação da opinião emitida, existindo ainda custos associados com a divulgação da mudança.

2.3 Síntese e objectivo do trabalho

Em resumo foram efectuados diversos estudos sobre a mudança de auditor, sendo que este fenómeno assumiu maior relevância depois de alguns casos que muito

marcaram a auditoria. Dada a necessidade de independência por parte dos auditores, é necessário estar alerta para sinais que possam indiciar a sua ameaça, como é o caso da própria mudança de auditor. As conclusões a que chegaram os estudos já realizados nesta matéria foram mistos não se conhecendo nenhum aplicado à realidade portuguesa o que torna este trabalho tão importante, pois diferentes contextos poderão conduzir a conclusões igualmente dispares.

Em Portugal para as sociedades por quotas, quando aplicável a revisão legal das contas, compete aos sócios deliberar a designação do revisor oficial de contas, (Art. 262 do Código das Sociedades Comerciais (CSC)). Para as sociedades anónimas, os membros efectivos do conselho fiscal, os suplentes e o fiscal único são eleitos pela assembleia geral, pelo período estabelecido no contrato de sociedade, mas não superior a quatro anos (Art. 415 CSC). O artigo 50 do Decreto-Lei n.º 487/99 de 16 de Novembro refere que a designação de revisores oficiais de contas cabe à respectiva assembleia geral ou a quem tiver competência para o efeito.

Na estrutura empresarial portuguesa, existem muitas empresas conhecidas como empresas familiares, sendo vários os casos em que o accionista é também o gestor. Na maioria dos casos existe apenas fiscal único pelo que, na ausência de outros mecanismos de monitorização, o papel do auditor assume uma importância acrescida.

Sendo assim, a hipótese de investigação a testar será:

H₁: O tipo de opinião emitida pelo auditor influencia a decisão de mudança de auditor por parte das empresas clientes

CAPÍTULO III – DADOS E METODOLOGIA

3.1 Amostra

O estudo incide sobre as empresas portuguesas que tiveram as suas demonstrações financeiras auditadas nos exercícios de 2006 a 2009 no âmbito da Revisão Legal das Contas. Para esse efeito, a base de dados utilizada resultou da junção de informação disponibilizada pelo Instituto Nacional de Estatística e pela Informa D&B e da adopção dos seguintes critérios:

- Empresas com mais de 50 trabalhadores no exercício de 2009; e
- Demonstrações financeiras auditadas nos quatro anos em análise.

A informação disponibilizada pelo Instituto Nacional de Estatística e Informa D&B tem a mesma fonte: Informação Empresarial Simplificada. Na junção da informação não foi utilizado o Número de Identificação de Pessoa Colectiva porque a base de dados do Instituto Nacional de Estatística atribui um número fictício a cada empresa (se mantém ao longo dos vários anos). Para podermos juntar a informação prestada por estas duas entidades, estabelecemos como denominador comum as seguintes variáveis para o exercício de 2009: total de empregados, total de activo, resultado operacional e Código de Actividades Económicas. Tendo encontrado uma correspondência entre a informação prestada pelas duas entidades, assumimos que essa relação se mantinha nos exercícios anteriores.

Com base nos dois critérios acima referidos, a amostra inicial era constituída por 4.234 empresas. No entanto, a amostra final incidiu sobre 3.369 empresas. A supressão de algumas empresas deve-se aos seguintes factos:

Tabela 2 – Descrição da amostra seleccionada

	Número de observações	Número de Empresas
Dados originais da IES facultados pela Informa D&B	16.936	4.234
Dados sem correspondência entre Informa D&B e INE	504	126
Incluídos apenas para um exercício	732	183
Sem dados no exercício adjacente	1.900	475
Registos com o mesmo nome mas NIF's diferentes	16	4
Dados repetidos em exercícios adjacentes	140	35
Sem dados relativos à variável Volume de Negócios	148	37
Variações anormais no Volume de Negócios	20	5
Exercício de 2006 por não termos comparativo precedente	3.369	0
 Amostra final para este estudo	 10.107	 3.369

Os dados em análise têm por base quatro exercícios, perdendo-se um como variável de análise (ano de 2006). A partir de 2006, as empresas começaram a divulgar a sua informação financeira através da Informação Empresarial Simplificada. Assim, o universo de análise ficou reduzido a três anos, visto estarmos a estudar uma variação (mudança de auditor de t face a $t-1$). Esta limitação temporal dos dados poderá ser considerada limitativa por alguns investigadores. No entanto, acreditamos que o número de observações disponíveis é suficiente para fazer um primeiro estudo sobre a temática em Portugal. Uma segunda limitação prende-se com o facto de termos identificado a alteração de auditor, através da verificação se o mesmo auditor auditou a mesma empresa por exercícios sucessivos, não se diferenciando a alteração involuntária resultante de cessão de negócio do auditor precedente ou da fusão do auditor com outra empresa de auditoria.

Como forma de breve caracterização da amostra final acima referida, na Tabela 3, apresentamos as medidas de estatística descritiva relativamente ao período em análise, considerando as 3.369 empresas da amostra final, com a decomposição entre empresas que mudaram de auditor e empresas que não alteraram de auditor.

Pela análise da tabela salienta-se o facto de as empresas que não registaram mudança de auditor apresentarem um número máximo de trabalhadores que equivale a cerca de o dobro do apresentado pelas empresas que mudaram de auditor, ainda que em termos médios os valores apresentados sejam muito idênticos. Resultado semelhante verifica-se no volume de negócios, sendo no entanto, relativamente superior, em termos médios, face às empresas que procederam à mudança. O nível de crescimento é, em média, igualmente superior entre as empresas que não mudam de auditor face às que mudam, evidenciando uma maior dispersão dos valores, sendo o crescimento máximo apresentado nestas empresas equivalente a cerca de 7 vezes o máximo atingido pelas empresas que alteraram de auditor. Os honorários médios são inferiores nas empresas do grupo da mudança mas em termos de valores máximos a situação inverte-se.

Tabela 3 – Estatística descritiva da amostra final

Variáveis	Mudança (n=824)				Não Mudança (n=9.283)				Teste t ^(a)	
	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo	Valor-t	Valor-p
EMP	224	548	0	9762	222	673	0	20184	-0,225	0,822
CP*	11,80	99,76	-612,28	2.251,83	12,01	70,14	-734,20	2.248,03	-0,082	0,935
ATL*	40,45	296,89	0,21	7.148,16	37,83	216,00	0,16	7.851,44	0,325	0,745
RO*	1,45	15,74	-100,22	418,38	1,64	12,85	-156,13	503,11	-0,394	0,694
VN*	28,11	90,86	0,06	1.610,64	33,61	127,78	0,00	3.046,47	-1,210	0,226
HON**	0,00125	0,00105	0,00001	0,00969	0,00119	0,00105	0,00001	0,02464	-1,424	0,154
DIM***	16,23	1,23	12,26	22,69	16,28	1,23	11,96	22,78	1,105	0,269
GINT****	0,24	0,34	0,00	1,00	0,22	0,33	0,00	1,00	-1,276	0,202
C****	0,08	0,52	-0,78	10,27	0,11	1,36	-1,00	67,91	0,574	0,566

(*) Milhões de Euros

(**) Quociente

(***) Valor logaritimizado (euros)

(****) Percentual

Em que:

EMP = Número de Empregados

CP = Total Capitais Próprios

ATL = Total Activo Líquido

RO = Resultados Operacionais

VN = Volume de Negócios (vendas + prestações de serviços).

HON= Honorários Estimados/Total Activo

DIM= Dimensão (Logaritmo Total Activo)

GINT= Grau de internacionalização

C= Crescimento Volume de Negócios

(a) Teste de diferença de médias para mudanças e não mudanças de auditor, no pressuposto de que as variancias das duas populações são iguais. No caso das variáveis VN e GINT não se verifica igualdade de variancias, contudo os resultados são idênticos, não existindo diferença significativa entre a média do grupo que muda de auditor e o grupo que não muda de auditor, para as variáveis apresentadas.

Contudo, para uma parte das variáveis utilizadas constatamos que não existe diferença significativa entre as empresas que mudam de auditor e as que permanecem com o mesmo auditor.

3.2 Modelo empírico de base

Numa primeira etapa, o presente estudo procura analisar se a mudança de auditor está associada à opinião emitida no exercício precedente. Assim, estabelecemos o seguinte modelo para analisar a nossa hipótese de investigação:

$$M_{it} = a + b_0 O_{jit-1} + b_1 HON_{it-1} + b_2 DIM_{it} + b_3 FIN_{it-1} + b_4 INT_{it} + b_5 GINT_{it} + b_6 C_{it} + b_7 BIG4_{it-1} + \varepsilon \quad (1)$$

Em que:

M	=	Variável dicotómica que assume o valor de 1 se a empresa muda de auditor e o valor 0 se não muda.
O _j	=	Tipo de opinião emitida pelo auditor. j = 1 opinião só com ênfases; j = 2 opinião só com reservas; j = 3 opinião com reservas e ênfases; j = 4 escusa de opinião; j = 5 opinião adversa
HON	=	Estimativa dos honorários cobrados pelo auditor dividido pelo total de activo do ano anterior.
DIM	=	Dimensão da empresa medida pelo logaritmo do seu activo total
FIN	=	Variável dicotómica representativa do risco de falência da empresa determinada a partir da medida Z-score de Altman (2000). Variável assume o valor de 1 se o Z-score é negativo, ou seja, a empresa apresenta um elevado risco de falência. Variável assume o valor de 0 se Z-score é positivo, ou seja, a empresa é solvente e é muito improvável que venha a registar insolvência no ano a seguinte.
INT	=	Variável dicotómica que assume o valor de 1 se a empresa tem pelo menos uma subsidiária no estrangeiro e o valor 0 nas restantes situações
GINT	=	Grau de internacionalização da empresa medido pelo rácio entre o volume de negócios no exterior e o volume de negócios total.
C	=	Crescimento da empresa medido pela variação no volume de negócios.
BIG4	=	Variável dicotómica que assume o valor de 1 se a empresa é auditada por uma BIG4 e o valor 0 nas restantes situações
i	=	Empresa 1 à 3.369
j	=	Tipo de opinião emitida pelo auditor
t	=	Exercício de 2006 a 2009

Numa segunda etapa, considerámos a variável sobre o tipo de opinião, como dicotómica (valor 1 se opinião qualificada e valor 0 se opinião não qualificada) com o objectivo de analisar se os resultados diferem da equação 1.

Tendo em consideração que a variável dependente é dicotómica, usámos o modelo de regressão logística do tipo binária. Embora os primeiros estudos tenham recorrido somente a testes univariados (geralmente testes de associação Qui-quadrado) para examinar as variáveis individuais (e.g. Schwartz e Menon, 1985; Craswell, 1988 e Gul et al. 1992), o uso de modelos multivariados tornou-se usual (e.g. Williams, 1988; Hudaib Cooke, 2002) pois permite incorporar o argumento de que as alterações de auditor são susceptíveis de ser induzidas por combinações de factores transversais (Haskins e Williams, 1990).

3.2.1. Variável dependente

A mudança de auditor, representada por M, foi verificada através da comparação do número de identificação fiscal do auditor mencionado na Informação Empresarial Simplificada. Assumimos que existiu mudança de auditor quando o NIF difere entre dois exercícios consecutivos. Eventualmente, este pressuposto pode estar incorrecto em algumas situações em que existiu alterações estatutárias nas sociedades de auditoria, designadamente, a fusão entre auditoras, o auditor a título individual constitui uma sociedade ou passa a incorporar uma auditora já existente. Por falta de elementos públicos não pudemos identificar essas situações. De qualquer forma, a lista de auditores publicada periodicamente em Portugal evidencia uma estabilidade no nome das sociedades e na composição dos sócios. Por isso, acreditamos que as situações de alterações estatutárias são pouco significativas.

3.2.2. Variáveis independentes

O objectivo deste estudo é o de investigar a associação entre a opinião do auditor e a mudança de auditor. Assim, a variável explicativa considerada no modelo reflecte o tipo

de opinião emitida pelo auditor num determinado exercício. Adicionalmente, considerámos 7 variáveis de controlo que poderão explicar parcialmente as decisões da empresa em mudar de auditor.

Opinião de Auditoria

De acordo com a Directriz de Revisão/Auditoria 700, no parágrafo 22 “o relatório de revisão/auditoria pode ser modificado por matérias que não afectam a opinião e por matérias que a afectam, podendo ambas coexistir num mesmo relatório. As matérias que não afectam a opinião dão lugar a ênfases; as que afectam a opinião dão lugar ou (a) a uma opinião qualificada (com reservas), ou (b) a uma escusa de opinião, ou (c) a uma opinião adversa.”

De acordo com alguns estudos empíricos (Chen et al, 2000; Chen et al, 2001; DeFond et al, 2000), as opiniões somente com ênfases, com reservas, escusa de opinião, e adversa, foram classificadas como opiniões qualificadas. Contudo de acordo com a DRA 700, no parágrafo 23, “Designa-se por opinião não qualificada tanto a opinião constante do relatório não modificado referido no parágrafo 7 (opinião "limpa") como a opinião constante de relatório modificado apenas com ênfases”. A classificação da ênfase difere em forma mais do que em substância, pois uma ênfase é considerada muitas vezes como uma opinião quase qualificada (Xu, 1998).

Ao contrário de alguns estudos que consideram o tipo de opinião como variável dicotómica (e.g. Chow e Rice, 1982), nós considerámos 5 variáveis *dummies* para representar 6 possíveis situações no relatório de auditoria: opinião limpa, opinião com ênfases, opinião com reservas, opinião com ênfases e reservas, escusa de opinião e opinião adversa. No caso das 5 variáveis *dummies* assumirem valor zero estamos perante o caso de opinião limpa.

Segundo alguns autores (e.g. Craswell, 1988; Gul et al, 1992; Hudaib e Cooke, 2005) a probabilidade de mudar de auditor aumenta com a severidade da qualificação. Por isso, é esperado uma relação positiva entre a mudança de auditor e a severidade da opinião.

Honorários

Ettredge et al (2007) encontraram evidência de que os clientes que sofreram um aumento significativo nos honorários de auditoria são mais propensos a demitir os seus auditores. No entanto, os honorários de auditoria deverão reflectir a qualidade do trabalho desenvolvido pelo auditor. Alguns estudos referem que existe uma associação entre o montante de honorários e a firma de auditoria. Beattie et al. (2001) referem que as empresas estão dispostas a pagar honorários mais elevados de modo a manterem um auditor de maior dimensão. Pois, os utentes confiam mais nas demonstrações financeiras auditadas pelas firmas de maior dimensão (Teoh e Wong, 1993). Consequentemente, alguns estudos encontraram evidência de que as grandes firmas de auditoria cobram um prémio face aos restantes auditores (e.g. Craswell et al, 1995; Ireland e Lennox, 2002). Esta situação deve-se à reputação da marca do auditor e à sua especialização (Craswell et al. 1995; DeFond et al. 2000).

A informação sobre os honorários não faz parte dos dados divulgados na Informação Empresarial Simplificada. Assim, procurámos estimar os honorários cobrados pelo auditor através da fórmula que estava definida no artigo 160.º do antigo Estatuto da Ordem dos Revisores Oficiais de Contas – honorários mínimos. Embora esse artigo já tenha sido revogado, a Ordem dos Revisores Oficiais de Contas informou os seus membros, em 27 de Janeiro de 2005, que não se presume em condições normais, os honorários acordados com os clientes sejam inferiores aos determinados na referida

fórmula. Por outro lado, dado não termos indicação de qual o exercício em que ocorreu a celebração ou renovação do contrato, utilizamos como valor de incidência o total de Balanço adicionado de Proveitos e Ganhos para cada exercício em análise, tomando como base os valores do exercício em análise. Pela ausência de informação sobre o prémio das BIG4 em Portugal, não considerámos esse efeito na estimativa dos honorários. De modo a aferirmos em que medida a utilização dos honorários, calculados segundo o artigo 160, pode ou não ser representativa dos honorários praticados, efectuámos um questionário o qual foi distribuído via correio electrónico a 897 endereços diferentes. Até à elaboração deste trabalho havíamos recebido 40 respostas as quais apontavam no sentido de os honorários terem como referencial o artigo 160 (78% utilizam este referencial), sendo que 76% calculam honorários iguais ou inferiores aos mínimos. Espera-se que quanto maior o nível de honorários menos provável seja a emissão de uma opinião qualificada pois o cliente tenderá a tolerar menos esse tipo de opinião. Neste sentido espera-se uma relação no mesmo sentido entre os níveis de honorários e a mudança de auditor.

Dimensão do cliente

A dimensão do cliente foi mensurada através do logaritmo natural do Activo, tal como no estudo de Krishnan et al (1996). A dimensão do cliente tem sido indicada como um factor significativo na decisão de alterar o auditor (Francis e Wilson 1988; Krishnan et al. 1996). Diversos estudos concluíram que as pequenas empresas são mais propensas a receber uma opinião qualificada do que as grandes empresas e subsequentemente mudarem de auditor (Gul et al, 1992; Krishnan et al., 1996). As empresas de maior dimensão podem, com maior facilidade, substituir o seu auditor quer em resultado de discordâncias técnicas quer para evitar receber uma opinião qualificada.

Assim, espera-se uma relação inversa entre a dimensão da empresa e a alteração de auditor.

Situação financeira

Segundo alguns estudos (Haskins e Williams, 1990; Citron e Taffler, 1992) existe uma relação positiva entre dificuldades financeiras das empresas e a emissão de uma opinião qualificada. Por isso, é expectável que as empresas com dificuldades financeiras tenham maior propensão para receber uma opinião qualificada, *ceteris paribus* (Hudaib e Cooke, 2005). Alguns estudos (Schwartz e Menon, 1985; Krishnan, 1994; DeFond e Subramanyam, 1998) encontraram evidência que as empresas em risco de falência têm uma maior tendência para mudar de auditor do que as restantes empresas.

A variável sobre a situação financeira da empresa tem sido objecto de mensuração através de vários indicadores. Por exemplo, Schwartz e Menon (1985) e Zerni (2009) utilizaram os resultados líquidos negativos como *proxy* das dificuldades financeiras da empresa. Ettredge (2007) recorreu ao rácio do passivo total sobre o total de activo. No entanto, o modelo Z-score desenvolvido por Altman (2000) é usado recorrentemente em vários estudos que consideram o risco de falência das empresas (por exemplo Hudaib, M. e Cooke, T.E., 2005). Assim, neste estudo adoptaremos esse indicador como *proxy* da situação financeira da empresa.

Assim, espera-se uma relação positiva entre o risco de falência e mudança de auditor.

Internacionalização do cliente

A consideração sobre o grau de internacionalização do cliente não tem sido uma variável incluída nos estudos anteriores. Identificámos apenas o estudo de Chaney et al.

(1997) que utilizou como variável de controlo uma *dummie* que assume o valor um no caso de a empresa realizar operações no exterior. No entanto, as empresas multinacionais tendem a procurar os serviços de um auditor que possa prestar um serviço integrado, auditando quer as contas nacionais quer as contas das empresas do grupo que se encontrem noutros países. Por outro lado, algumas firmas nacionais de auditoria tendem a associar-se a uma rede internacional com o objectivo de aceder às empresas multinacionais.

No entanto, um dos factores de mudança do auditor pode estar relacionado com a capacidade de prestar serviços a empresas que actuem em mercados externos. No presente estudo consideramos duas variáveis para medir o grau de internacionalização das empresas: a empresa detém participações no capital de empresas consideradas subsidiárias e/ou associadas localizadas fora de Portugal (INT) e o volume de negócios do mercado externo no total de volume de negócios (GINT). Assim, esperamos uma relação positiva entre a mudança de auditor e o grau de internacionalização das empresas portuguesas.

Crescimento

Woo e Koh (2001) e Haskins e Williams (1990) identificaram que as empresas com um rápido crescimento são mais propensas a mudar de auditor. A evolução da actividade da empresa pode criar a necessidade de recorrer a firmas de auditoria com recursos e conhecimentos suficientes para auditar as demonstrações financeiras. Para captar o efeito do crescimento da empresa auditada considerámos o crescimento no volume de negócios. Assim, esperamos uma relação positiva entre o crescimento da empresa e a mudança de auditor.

Qualidade do Auditor

A maioria dos estudos inclui uma variável relativa à dimensão do auditor (e.g. Krishnan, 1994). A variável dimensão do auditor procura representar a qualidade de auditoria e reputação (Krishnan et al, 1996). As firmas BIG 4 tendem a ser mais conservadoras dada a maior exposição das responsabilidades. Adicionalmente, os auditores de maior dimensão têm maior probabilidade em demitirem-se uma vez que enfrentam maiores ameaças económicas de litígios e perdas de reputação. A mudança de uma firma BIG4 para outras firmas de auditoria de menor dimensão pode ser mal interpretado pelos utentes da informação financeira. Segundo Teoh e Wong (1993) os utilizadores confiam mais nas demonstrações financeiras auditadas por empresas de auditoria de maior dimensão.

Neste estudo usámos a classificação BIG4 versus NonBIG4 como *proxy* da qualidade das firmas de auditoria. Assim, esperamos que exista uma associação negativa entre mudança de auditor e a firma de auditoria ser considerada uma BIG4.

3.3 Modelo empírico com a manipulação dos resultados

No modelo definido na equação 1 foi considerada a dimensão da firma de auditoria como variável de controlo representativa da qualidade da auditoria. As empresas de maior dimensão (BIG4) tendem a proporcionar auditorias de melhor qualidade. DeAngelo (1981) refere que esta relação decorre do facto das empresas de maior dimensão serem mais independentes em resultado de terem mais a perder caso ocorram quebras na sua reputação e dado que nenhum dos clientes é de tal forma importante que possa ameaçar a independência do auditor. Assim, alguns estudos (e.g. Francis et al, 1999; Becker et al, 1998) evidenciam que as empresas auditadas pelas grandes firmas de auditoria tendem a apresentar níveis inferiores de *accruals discricionários*.

Os *accruals discricionários* são uma medida do conceito de *earnings management*. De acordo com Schipper (1989) a gestão de resultados implica uma intervenção propositada no processo de relato financeiro com o objectivo de obtenção de um ganho privado por parte dos gestores ou dos actuais accionistas. Para Healy e Wahlen (1999) a gestão de resultados ocorre quando a gestão usa o seu poder discricionário no relato financeiro e na estrutura das transacções para alterar as demonstrações financeiras com vista a enviesar a percepção dos detentores dos capitais sobre o desempenho económico subjacente, ou quando tem em vista influenciar os resultados de determinados contratos que dependem dos números contabilísticos relatados.

Em alguns estudos (e.g. Choi et al, 2010) os *accruals discricionários* têm sido utilizados também como *proxy* da qualidade de auditoria. A manipulação de resultados pode ser concretizada através de distorções materiais nas demonstrações financeiras. Se o auditor as detectar e relatar no seu relatório, então o trabalho desenvolvido pode ser considerado de qualidade. Assim, considerámos uma variável adicional de *accruals discricionários* (EM) com o intuito de verificar se a mudança de auditor está associado a um aumento ou diminuição da manipulação de resultados. Consequentemente, o modelo de análise é reescrito pela seguinte equação:

$$M_{it} = a + b_0 O_{jit-1} + b_1 HON_{it-1} + b_2 DIM_{it-1} + b_3 FIN_{it-1} + b_4 INT_{it} + b_5 GINT_{it} + b_6 C_{it} + b_7 BIG4_{it-1} + b_8 VAREM_{it} + \varepsilon \quad (2)$$

Em que:

VAREM = Corresponde à variação dos *accruals discricionários* da empresa *i* no período *t* e *t-1*
 Restantes variáveis assumem o significado mencionado na equação 1

Os *accruals discricionários* constituem uma das formas para medir os efeitos do comportamento oportunista dos executivos nas decisões sobre a contabilidade. Os *accruals discricionários* foram determinados a partir do Modelo de Jones Modificado

na vertente *cross-sectional* (Dechow et al., 1995). De acordo com Bartov (2001), a versão do Modelo de Jones Modificado encontra-se melhor especificada que a sua contraparte série temporal, pelo que utilizamos essa versão.

Assim, os *accruals discricionários* foram obtidos a partir da seguinte equação:

$$AD_{it} = \frac{AT_{it}}{Activo_{it-1}} - \left[\hat{\alpha}_0 \frac{1}{Activo_{it-1}} + \hat{\beta}_1 \left(\frac{\Delta VN_{it} - \Delta CR_{it}}{Activo_{it-1}} \right) + \hat{\beta}_2 \left(\frac{IMOB_{it}}{Activo_{it-1}} \right) \right] \quad (3)$$

Em que:

AD	=	Accruals discricionários
AT	=	Total Accruals
Activo	=	Activo líquido da empresa
ΔVN	=	Variação do volume de negócios da empresa entre o período t e t-1
ΔCR	=	Variação das dívidas de clientes da empresa entre o período t e t-1
IMOB	=	Valor bruto das imobilizações corpóreas e incorpóreas
I	=	Empresa 1 à 3.369
T	=	Exercício de 2006 a 2009

Os *total accruals* calculam-se por diferença entre os resultados operacionais e os fluxos de caixa operacionais. Os fluxos de caixa operacionais foram determinados através do método indirecto previsto na Directriz Contabilística N° 14/93, de 7 de Julho.

Os parâmetros para cálculo dos *accruals não discricionários* foram estimados para cada sector de actividade a dois dígitos e para todos os anos da análise, em linha com outros estudos que seguiram idêntico procedimento (e.g. Sbei, 2005). Excluimos os sectores em que não tínhamos o número mínimo de 10 empresas para a aplicação do método. Tendo presente que recorremos à variação dos EM e não ao valor dos EM, ficamos com a amostra reduzida a apenas os exercícios de 2008 e 2009. Deste modo e ainda por força de alguns dados em falta na estimação dos EM, a amostra final resume-se a 6.708 registos, correspondendo a 3.354 empresas.

CAPÍTULO IV – ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1 A alteração de auditor

No período de 2006 a 2009, as 3.369 empresas objecto de estudo registaram 824 alterações de auditor, representando uma taxa anual de mudança na ordem dos 8,5%. Alguns estudos anteriores, ambos sobre empresas do Reino Unido, apontam para resultados um pouco inferiores, como 2,3% entre 1990 a 2000 (Moizer e Porter, 2004), 5% entre 1981 a 1991 (Beattie e Farnley, 1994) ou 4% entre 1999 e 2003 (Beattie et al, 2006). De notar que a proporção das empresas que receberam opinião qualificada e que mudaram de auditor, face ao total das empresas com opinião qualificada, ascende a 9%, e apresentam idêntica percentagem os casos que receberam opinião não qualificada. Os resultados deste estudo estão próximos dos verificados em outros trabalhos (Tabela 4).

Tabela 4 – Proporção da Mudança de Auditor

Opinião	Chow and Rice (1982)	Shwartz and Menon (1985)	Craswell (1988)	Presente Estudo
Qualificada	12%	15%	6%	9%
Não Qualificada	3%	33%	2%	8%

4.2 Estatística descritiva

Na Tabela 5 são apresentados as estatísticas descritivas para as variáveis usadas neste estudo. Os resultados evidenciam que a média da taxa de crescimento é superior para as empresas que não mudam (10,7%) face às empresas que mudam (8%). Esta diferença é igualmente visível ao nível da heterogeneidade das observações nas empresas que não mudam (desvio padrão é de 1,36) face às empresas que mudam

(desvio-padrão é de 0,52). Esta situação evidencia que as empresas que menos crescem são aquelas que, em média, procuram novo auditor.

Constatamos que o grau de internacionalização entre as empresas da amostra ronda, em média, os 22%, sendo ligeiramente superior, 23,6%, nas empresas que mudam de auditor.

De entre as empresas que mudam verifica-se uma maior incidência na emissão de opiniões apenas com ênfases, comportamento idêntico entre as empresas que não mudam. Em termos das dificuldades financeiras, entre as empresas que mudam são relativamente mais os casos com dificuldades (5% face a 3%).

Tabela 5 – Estatística Descritiva das variáveis do modelo

Variável	Mudança (n=824)		Não Mudança (n=9.283)		Total (n=10.107)			
	Desvio		Desvio		Desvio			
	Média	Padrão	Média	Padrão	Média	Padrão	Mínimo	Máximo
Contínuas								
Honorários	0,00125	0,00105	0,00119	0,00105	0,00120	0,00105	0,00001	0,02464
Dimensão	16,23085	1,22987	16,28017	1,22758	16,27615	1,22778	11,95716	22,78396
Grau de internacionalização	0,23663	0,33962	0,22143	0,32653	0,22267	0,32763	0,00000	1,00000
Crescimento	0,07998	0,51761	0,10727	1,35608	0,10505	1,30801	-0,99931	67,90646
Discretas								
	Nº	%	Nº	%	Nº	%		
O1t1	157	19,1%	1.596	17,2%	1.753	17,3%		
O2t1	71	8,6%	794	8,6%	865	8,6%		
O3t1	73	8,9%	675	7,3%	748	7,4%		
O4t1	0	0,0%	4	0,0%	4	0,0%		
O5t1	1	0,1%	2	0,0%	3	0,0%		
Dificuldades Financeiras	41	5,0%	286	3,1%	327	3,2%		
Alteração para internacional	20	2,4%	172	1,9%	192	1,9%		
BIG4	116	14,1%	1.728	18,6%	1.844	18,2%		

A Tabela 6 apresenta a correlação entre as variáveis do modelo. A probabilidade de mudança de auditor está positivamente correlacionada com a existência de dificuldades financeiras (FIN) mas negativamente correlacionada com a dimensão do auditor (BIG4), ambos ao nível de 0.01. As demais variáveis têm correlações que não são estatisticamente significativas.

Tabela 6 – Matriz de correlações

Matrix de Correlações

	M	O1t1	O2t1	O3t1	O4t1	O5t1	HON	DIM	FIN	INT	GINT	C	BIG4	VAREM
M	1													
O1t1	,013	1												
O2t1	,001	-0,140**	1											
O3t1	,017	-0,130**	-0,086**	1										
O4t1	-,006	-,009	-,006	-,006	1									
O5t1	,016	-,008	-,005	-,005	,000	1								
HON	,014	-0,053**	-,005	-0,063**	-,008	-,008	1							
DIM	-,011	0,093**	-,009	0,076**	,006	,002	-0,782**	1						
FIN	0,029**	0,122**	-0,024*	0,106**	-,004	-,003	-,012	0,039**	1					
INT	,012	,003	,012	-,012	-,003	-,002	-0,047**	0,057**	-,013	1				
GINT	,013	-0,023*	,006	,008	-,012	,017	0,020*	-0,051**	-0,080**	0,023*	1			
C	-,006	,009	-,005	,010	,000	-,001	0,037**	,018	0,121**	0,021*	-,011	1		
BIG4	-0,032**	0,095**	,013	0,062**	-,009	,007	-0,192**	0,293**	0,047**	,011	-0,033**	0,026*	1	
VAREM	,006	-,023	-,003	-,011	,000	,001	,012	-0,039**	,003	,004	,005	,005	-,002	1

** Correlação significativa ao nível de 0,01.

* Correlação significativa ao nível de 0,05.

4.3 Análise Multivariada

A qualidade de ajustamento do modelo de regressão logística binária é analisada através do teste Qui-quadrado de Hosmer and Lemeshow. Os resultados evidenciados nas Tabelas 7, 8 e 10 para os diferentes modelos indicam um ajustamento bastante satisfatório entre os resultados observados e os esperados através do modelo o que indica a sua adequação.

4.3.1 Modelo 1

O modelo 1 analisa a relação entre a mudança do auditor e os vários tipos de opiniões de auditoria. Os resultados mostram que a mudança do auditor está associada positivamente com a opinião emitida no ano anterior conter apenas ênfases (O1) e reservas e ênfases (O3) (Tabela 7).

Tabela 7 – Resultados da regressão do modelo 1 original

Variáveis	Sinal Esperado	Estimativa	Teste Wald	Valor-p
Intercept		-2,880	13,118	0,000
O1t1	-	0,162	2,772	0,096 *
O2t1	-	0,076	0,329	0,566
O3t1	-	0,250	3,486	0,062 **
O4t1	-	-18,710	0,000	0,999
O5t1	-	1,846	2,255	0,133
HON	+	51,285	1,126	0,289
DIM	-	0,210	0,207	0,650
FIN	+	0,497	7,857	0,005 **
INT	+	0,308	1,646	0,200
GINT	+	0,146	1,771	0,183
C	+	-0,036	0,577	0,447
BIG4	-	-0,363	11,217	0,001 ***
<hr/>				
N		3369		
Qui-quadrado		9,472		0,304
R ² Ajustado		0,007		

*** Valor-p é significativo ao nível de 0,01,

** Valor-p é significativo ao nível de 0,05,

* Valor-p é significativo ao nível de 0,10

Nota: Ver Modelo para definição das variáveis abreviadas.

Considerando a opinião como uma variável dicotômica (qualificada vs. não qualificada), os resultados mostram que a qualificação da opinião não influencia a mudança de auditor (Tabela 8).

Tabela 8 – Resultados da regressão do modelo 1 reformulado

Variáveis	Sinal Esperado	Estimativa	Teste Wald	Valor-p
Intercept		-2,964	13,918	0,000
Ot1	-	0,120	1,548	0,213
HON	+	53,346	1,214	0,271
DIM	-	0,028	0,366	0,545
FIN	+	0,560	10,320	0,001 ***
INT	+	0,301	1,576	0,209
GINT	+	0,150	1,892	0,169
C	+	-0,037	0,605	0,437
BIG4	-	-0,347	10,313	0,001 ***
<hr/>				
N		3369		
Qui-quadrado		13,540		0,095
R ² Ajustado		0,006		

*** Valor-p é significativo ao nível de 0,01,

** Valor-p é significativo ao nível de 0,05,

* Valor-p é significativo ao nível de 0,10

Nota: Ver Modelo para definição das variáveis abreviadas.

Estudos empíricos realizados anteriormente, evidenciavam que existia uma relação positiva entre mudança de auditor e a opinião qualificada (Tabela 9).

Ao nível das variáveis de controlo, a dimensão de auditor e as dificuldades financeiras estão associadas à mudança do auditor. Por um lado, as empresas auditadas pelas BIG4 mudam menos de auditor, não existindo um consenso sobre esta relação (Tabela 9). Por outro, as empresas com maiores dificuldades financeiras tendem a mudar mais de auditor. Estes resultados estão em linha com o esperado (Tabela 9). As restantes variáveis de controlo não apresentam uma influência significativa na mudança de auditor.

Para Schwartz e Menon, (1985), existe uma relação entre as condições financeiras de uma empresa e a mudança de auditor enquanto que para Whisenant e Sankaraguruswamy, (2000) a emissão de uma opinião qualificada por continuidade das demonstrações financeiras parece estar relacionada com a qualidade de auditoria.

Tabela 9 – Análise comparativa com estudos anteriores

Autores	Variável	Sinal esperado	Coefficiente	Teste	p-value	Significado da variável
Nosso estudo	O	+	0,12	0,21		Tipo de opinião do auditor para a empresa i no período t-1 = (1) se tiver opinião qualificada, =(0) não qualificada.
Chan et al. (2006)	Opinion _{t-1}	+	0,60	0,04	**	Idem
Woo, E., Koh, H.C. (2001)	AudOp	+	-1,94	0,03	**	Opinião do auditor em t-1 = (1) se tiver opinião qualificada, =(0) não qualificada.
M., Frank, G., and Fisher, S. (1991)	O _{it-1}		2,45	14,55	**	Opinião do auditor em t-1 = (1) se tiver opinião qualificada, =(0) não qualificada.
Nosso estudo	HON	+	53,35	0,27		Honorários calculados com base na tabela anexa ao art.º 160.º dos Estatutos da OROC
Beattie et. al. (2006)	Audfee	-	-0,33	0,35		Variação nos honorários
Hudaib e Cooke (2005)	Audfee		0,02			
Woo, E., Koh, H.C. (2001)	Audfee	+	1,58	0,08	*	honorários no ano anterior ao da mudança de auditor
Nosso estudo	DIM	-	0,03	0,55		Dimensão da empresa i medida pelo logaritmo do seu activo total no período t-1. O Total de Activo foi utilizado visto ser considerado a medida mais robusta da dimensão da empresa pelo facto de ser menos afectada por condições externas.
Chaney et al. (1997)	Size	-	-0,16	0,00	***	Logaritmo das vendas líquidas
M., Frank, G., and Fisher, S. (1991)	Size		0,00	2,76	**	Total Activos em t
Gómez-Aguilar, N. and Ruiz-Barbadillo, E. (2003)	△Size	-	2,28		**	Diferença de dimensão entre auditor anterior e actual
Woo, E., Koh, H.C. (2001)	FirmSize	+	0,00	0,08	*	Raiz quadrada do total do activo ajustado da inflação
Hudaib e Cooke (2005)	C		-0,11		***	Logaritmo do total de activo
Nosso estudo	FIN	+	0,06	0,00	***	Altman's Z score
Chan et al. (2006)	Loss	+	0,85	0,09	**	=1 caso tenha reportado 2 anos consecutivos de prejuízos
M., Frank, G., and Fisher, S. (1991)	Z		-0,16	1,58		Altman's Z score
Hudaib e Cooke (2005)	Z		-0,60		***	Altman's Z score
Weiss and Kalbers (2008)	ALTZ	-	-0,01		**	Altman's Z score ("Non-Accelerated")
Nosso estudo	INT	+	0,30	0,21		Alteração de tipo de sociedade i no período t = (1) se passou a ter associadas noutro país, ou seja, passou a ser internacional, e (0) caso contrário.
Chaney et al. (1997)	FOR	-	-0,25	0,06	*	Variável dummy = 1 se a empresa desempenhou operações internacionalmente = 0 caso contrário.
Nosso estudo	GINT	+	0,15	0,17		Grau de internacionalização da empresa i no período t, medido pelo rácio entre o volume de negócios no exterior e o volume de negócios total.
Nosso estudo	C	+	-0,37	0,44		O crescimento do volume de negócios é calculado através da variação no volume de negócios no ano t dividida pelo volume de negócios no ano t-1. A variação no volume de negócios no ano t corresponde ao total dessa variável em t subtraída desse valor para o ano t-1.
Chaney et al. (1997)	GROW	+	0,13	0,01	**	Crescimento no total de activos
Chan et al. (2006)	△Client	-	0,21	0,33		Variação do total de activo entre t-1 e t
Woo, E., Koh, H.C. (2001)	Growth	+	0,01	0,28		Variação percentual das vendas
Weiss and Kalbers (2008)	△REV	+	-0,30		***	Crescimento do volume de negócios ("Non-Accelerated")
Nosso estudo	BIG4	-	-0,35	0,00	***	Considerámos como BIG4 as quatro maiores empresas internacionais de auditoria, a partir da falência da Arthur Andersen (Pricewaterhousecoopers, KPMG Peat Marwick, Deloitte Touche e Ernst & Yong). Assume o valor 1 caso a empresa tenha sido auditada por um auditor do grupo BIG4 no ano anterior à mudança e valor zero caso contrário.
Beattie et. al. (2006)	BIG6	+	1,26	0,00	***	=1 se auditor for BIG6
Hudaib e Cooke (2005)	A		-1,04		***	=1 se auditor for BIG6
Woo, E., Koh, H.C. (2001)	AudQual	-	-2,48	0,00	***	=1 se auditor for BIG6

*, **, *** Estatisticamente significativo para um nível de 10%, 5% e 1%

4.3.2 Modelo 2 – Introdução dos EM

Os resultados do novo modelo mostram que não existe uma relação entre mudança de auditor e a variação dos *earnings management* (Tabela 10). Segundo DeFond e Subramanyam (1998) os *accruals discricionários* são negativos e significativos no exercício anterior à mudança de auditor sendo geralmente insignificantes durante o primeiro ano com o novo auditor.

Por outro lado, verificamos que o grau de correlação entre a dimensão do auditor e a variação dos *earnings management* é praticamente nula (Tabela 6). Alguns autores (e.g. DeAngelo, 1981; Becker et al, 1998 e Teoh e Wong, 1993) referem que a qualidade de auditoria, medida pela dimensão do auditor, encontra-se relacionada com os *earnings management*, sendo os *accruals discricionários* superiores nos clientes não auditados pelas grandes firmas de auditoria.

Tabela 10 – Resultados da regressão do modelo 2

Variáveis	Sinal Esperado	Estimativa	Teste Wald	Valor-p
Intercept		-1,235	0,291	0,262
O1t1	-	0,158	1,171	0,196
O2t1	-	0,187	1,205	0,244
O3t1	-	0,223	1,249	0,189
O4t1	-	-18,689	0,000	0,999
O5t1	-	2,616	13,688	0,066 **
HON	+	-36,766	0,000	0,609
DIM	-	-0,075	0,927	0,237
FIN	+	0,562	1,754	0,011 **
INT	+	0,448	1,565	0,099 *
GINT	+	0,084	1,088	0,540
C	+	-0,049	0,952	0,568
BIG4	-	-0,317	0,728	0,017 **
VAREM	+	0,003	1,003	0,467
N		3354		
Qui-quadrado		8,201		0,414
R ² Ajustado		0,009		

*** Valor-p é significativo ao nível de 0,01,

** Valor-p é significativo ao nível de 0,05,

* Valor-p é significativo ao nível de 0,10

Nota: Ver Modelo para definição das variáveis abreviadas.

4.4 Análises adicionais

Os resultados obtidos evidenciam uma influência da dimensão da firma de auditoria na mudança do auditor. Neste contexto, procedemos a uma análise adicional, com vista a compreender melhor a direcção da mudança de auditor. Assim, pretende-se esclarecer se a mudança se processa entre auditores de idêntica dimensão ou entre auditores de dimensão diferente (BIG4 e as restantes).

Para alguns autores (e.g. DeAngelo, 1981 e Watkins et al. 2004), a qualidade de auditoria está associada à dimensão da firma de auditoria, isto é, as grandes empresas tendem a apresentar trabalhos de melhor qualidade. As empresas de auditoria de maior dimensão não esperam comprometer a independência ou exhibir outro comportamento de oportunismo devido à perda de credibilidade perante outros clientes (DeAngelo, 1981).

Na Tabela 11 é apresentada a matriz que relaciona a direcção da mudança de auditor e o tipo de opinião. Os resultados evidenciam que a mudança de auditor ocorre maioritariamente (86%) nos clientes que são auditados pelas Não-BIG4. Na maioria dos casos (78,6%), a mudança é caracterizada pela escolha de um novo auditor categorizado na mesma dimensão do seu antecessor (Tabela 12). Adicionalmente, 82,5% dos casos de clientes que mudaram de auditor não tiveram uma opinião qualificada no ano anterior. Os resultados mostram igualmente, que o valor da estatística qui-quadrado é 10,44 (valor-p =0,001) pelo que existe suporte de que a proporção de empresas que mudam de auditor difere entre as auditadas por BIG4 e as auditadas por não BIG4.

Tabela 11 – Dimensão e subsequente mudança de auditor

Tipo de auditor após a mudança	Mudança de Auditor		Total
	Não Mudança	Mudança	
Small	7.555	708	8.263
	74,8%	7,0%	81,8%
Big4	1.728	116	1.844
	17,1%	1,1%	18,2%
Total	9.283	824	10.107
	91,8%	8,2%	100,0%

Valor Chi-square 10.44 (p-value=0.001)

Estas conclusões são contrárias às obtidas por parte de Davidson III, Jiraporn e DaDalt (2004) na medida em que estes autores concluíram que perante uma opinião qualificada a escolha de um novo auditor recairá mais sobre um de pequena dimensão. Também do estudo levado a cabo por Shu (2000) sobre a alteração de auditor, cujas origens indicadas para as mudanças referem-se ao crescente risco de litígio assim como alterações nas características dos clientes, a conclusão foi a de que as empresas tendem a mudar para um auditor de pequena dimensão depois de deixarem um auditor de grande dimensão.

Tabela 12 – Distribuição da mudança de auditor categorizada pela opinião antes da mudança e anterior e posterior dimensão do auditor

Direcção da Mudança	Tipo de opinião		Total
	Qualificada	Não Qualificada	
Small para small	98	476	574
Small para Big4	26	108	134
Big4 para Big4	5	37	42
Big4 para small	15	59	74
Total	144	680	824

Na Tabela 13 mostra-se a evolução das opiniões do auditor entre cliente que mudaram de auditor e clientes que decidiram manter o auditor. Os resultados mostram

que a opinião qualificada dos auditores é mais estável nos clientes que não mudam de auditor face aqueles que mudam de auditor. Em 26% dos casos de clientes que mudaram de auditor, a opinião alterou-se entre 2007 e 2009.

Tabela 13 – Frequência da primeira vez que a qualificação se repetiu no ano seguinte (por categoria de Auditor)

Qualificação	Período			Total
	2006/2007	2007/2008	2008/2009	
Empresas que alteraram de auditor				
Repetiu-se	253	237	222	712
Não se repetiu	34	38	40	112
Total	287	275	262	824
Proporção de não repetidos	12%	14%	15%	14%
Empresas que não alteraram de auditor				
Repetiu-se	2.855	2.843	2.877	8.575
Não se repetiu	227	251	230	708
Total	3.082	3.094	3.107	9.283
Proporção de não repetidos	7%	8%	7%	8%

Adicionalmente, os resultados indicam que não existe uma diferença entre a proporção de opinião não qualificada após a mudança e a dimensão do auditor (Tabela 14). Como o valor do teste Qui-quadrado apresenta um valor de 0,964 (valor-p = 0.326) não se rejeitando a hipótese de igualdade de proporção de mudança de auditor, entre auditores de grande dimensão (BIG4) e os de pequena dimensão (Small).

Tabela 14 – Frequência da qualificação subsequente a uma mudança de auditor por tipo de auditor

Tipo de auditor após a mudança	Tipo de Opinião após a mudança		Total
	Não qualificada	Qualificada	
Small	513 62,3%	103 12,5%	616 74,8%
Big4	167 20,3%	41 5,0%	208 25,2%
Total	680 82,5%	144 17,5%	824 100,0%

Valor Qui-quadrado 0.964 (p-value=0.326)

Conforme se observa pela Tabela 13, ao longo dos exercícios analisados, não se identificaram alterações significativas entre a proporção das empresas com opinião qualificada e as empresas com opinião não qualificada. O mesmo sucede entre a direcção da mudança medida pelo tipo de auditor anterior e subsequente.

Tabela 15 – Descrição da amostra de 824 empresas que mudaram de auditor entre 2007 e 2009

	Total Sample	2007	2008	2009
Opinião de auditoria				
Qualificada	1.613	568	501	544
Não qualificada	8.494	2.801	2.868	2.825
Total	10.107	3.369	3.369	3.369
Mudança de Auditor				
Small para small	574	202	192	180
Small para BIG4	134	46	44	44
BIG4 para small	42	18	11	13
BIG4 para BIG4	74	21	28	25
Total	824	287	275	262

As alterações de auditor foram categorizadas por tipo de opinião emitida no ano imediatamente anterior ao da mudança. Conforme apresentado na Tabela 15, existem 1.613 opiniões qualificadas e 8.494 opiniões não qualificadas.

CAPÍTULO V – CONCLUSÕES, LIMITAÇÕES E INVESTIGAÇÃO FUTURA

Na literatura não existe um consenso sobre o impacto da opinião emitida pelo auditor na continuidade ou mudança de auditor. Por um lado, há autores que consideram existir uma relação positiva entre a qualificação de uma opinião e a propensão para a mudança de auditor (Chow and Rice, 1982; Craswell, 1988; Citron and Taffier, 1992). Outros autores concluíram não existir uma relação de causalidade entre a opinião e a mudança (Schwartz and Menon, 1985; Haskins and Williams, 1990). Adicionalmente, alguns autores consideram existir uma relação bilateral entre as 2 variáveis, ou seja “opiniões qualificadas podem causar mudanças de auditor, ou mudanças de auditor podem causar opiniões qualificadas” (DeAngelo (1982, p. 185).

Da análise efectuada identificámos uma associação estatisticamente significativa, entre os relatórios de auditoria e a probabilidade de mudança de auditor, para o caso de opinião com ênfases e opinião com reservas e ênfases. As restantes variáveis justificativas para a mudança de auditor são a existência de dificuldades financeiras e a dimensão do auditor classificada entre BIG4 e restantes.

As conclusões do estudo são limitadas às empresas e período de tempo analisados e ainda à metodologia utilizada na análise da mudança do auditor e na medição da manipulação dos resultados. Contudo, não obstante estas limitações entendemos que o estudo traz uma contribuição importante para a compreensão da eficácia do papel da auditoria na detecção de práticas abusivas dos gestores, e no seu comportamento perante a emissão de uma opinião desfavorável por parte do auditor, particularmente num contexto onde existe pouca ou nenhuma evidência sobre o assunto.

DeAngelo (1982) salienta que o tratamento da qualificação como uma variável exógena nos estudos sobre a mudança de auditor poderá não estar correcta, defendendo que a relação funcionará nos dois sentidos, tendo a mudança um impacto sobre as decisões de auditoria em especial na decisão de qualificação. Contudo o nosso estudo tem em conta apenas a análise do impacto da emissão de uma opinião qualificada na mudança de auditor e não a relação inversa, a qual considerámos que constitui um tema a ser considerado para futuros estudos sobre a realidade portuguesa.

Não fizemos qualquer distinção entre as empresas que alteram de auditor em resultado da sua própria decisão e as que possam ter alterado em resultado de obrigações em utilizar o mesmo auditor que a empresa mãe. Por outro lado, um estudo mais alargado ao nível dos períodos de análise, já que o período analisado não é suficiente para cobrir situações em que o mandato seja de 4 anos, e mais abrangente em termos das empresas consideradas na amostra, nomeadamente sem restrições ao nível do número de trabalhadores, talvez possa vir a originar outro tipo de conclusões.

BIBLIOGRAFIA

- Altman, E., (2000), Predicting financial distress of companies: revisiting the Z-Score and Zeta models, Working, pp. 1-54, Paper disponível em <http://pages.stern.nyu.edu/~ealtman/PredFnclDistr.pdf>
- Anderson, D.; Francis, J.R.; Stokes, D.J. (1993): Auditing, Directorships and the Demand for Monitoring, *Journal of Accounting and Public Policy*, 12, pp. 353-375.
- Arruñada, Benito (2000), Audit Quality: Attributes, Private Safeguards and the Role of Regulation, *The European Accounting Review*, 9 (2), pp. 205-224.
- Bartov, E., Gul, F. Tsui, J., (2001), Discretionary-Accruals Models and Audit Qualifications, *Journal of Accounting and Economics*, 30, pp. 421-452
- Beattie, V. e Fearnley, S. (1994), The Changing Structure of the Market for Audit Services in the UK: a Descriptive Study, *British Accounting Review*, 26 (4), December, pp. 301-322.
- Beattie, V. e Fearnley, S. (1995), The Importance of Audit Firm Characteristics and the Drivers of Auditor Change in UK Listed Companies. *Accounting and Business Research*, 25, pp. 227-239.
- Beattie, V. e Fearnley, S. (1998) Audit market competition: auditor changes and the impact of tendering. *The British Accounting Review*, 30 (3), pp. 261-289.
- Beattie, V. e Fearnley, S. (2002), Auditor independence and non-audit services: a literature review, Institute of Chartered Accountants in England & Wales, London, UK. Paper disponível em: <http://www.icaew.com>
- Beattie V., Goodacre A., Pratt K., Stevenson J. (2001), The Determinants of Audit Fees: Evidence from the Voluntary Sector, *Accounting and Business Research*, 11 (4), pp. 243-274

- Beattie V., Goodacre A., Masocha W. (2006), The Determinants of Auditor Changes in the Voluntary Sector: Evidence from UK Charities Presented at the National Auditing. Conference University of Manchester. March 2006, pp.1 - 25, Paper disponível em <http://static.aston.ac.uk/asig/Masocha.pdf>
- Becker, C., M. DeFond, J. Jiambalvo, e K. R. Subramanyam (1998), The Effect of Audit Quality on Earnings Management, *Contemporary Accounting Research*, 15 (Spring), pp. 1-24.
- Behn, B.K., Carcello, J.V., Hermanson, D.R., Hermanson, R.H., (1997). The determinants of audit client satisfaction among clients of big 6 firms. *Accounting Horizons* 11 (1), pp. 7-24.
- Burton, J.C. e Roberts, W. (1967), A Study of Auditor Changes, *Journal of Accountancy*, April, pp. 31-36.
- Carassus D., Gardès N. (2005), Audit légal et gouvernance d'entreprise : une lecture théorique de leurs relations, Actes de la Conférence internationale de l'enseignement et de la recherche en comptabilité (IAAER), Bordeaux Septembre.
- Carey, P.J., Geiger, M.A., e B.T. O'Connell. (2008). Cost associated with going-concern modified audit opinions: An analysis of the Australian audit market. *ABACUS*. 44(1): pp. 61-81.
- Carpenter, C.G. e Strawser, R.H. (1971), Displacement of Auditors when Clients Go Public, *Journal of Accountancy*, 131, pp. 55-58.
- Chan, K. H., K. Z. Lin, e P. L. L. Mo. (2006), A political-economic analysis of auditor reporting and auditor switches. *Review of Accounting Studies* (forthcoming), 11(1): pp. 21-48.
- Chaney, P.K., Jeter, D.C. e Shaw, P.E. (1997), Client-Auditor Realignment and Restrictions on Auditor Solicitation, *The Accounting Review*, 72 (3), pp. 433-453.

- Chen C.J.P., Chen S. Su X., (2001). Profitability regulation, earnings management, and modified audit opinions: evidence from China. *Auditing* 20 (2): pp. 9-31
- Chen, C.J.P., Su, X. e Zhao, R. (2000), An emerging market's reaction to initial modified audit opinions: evidence from the Shanghai Stock Exchange, *Contemporary Accounting Research*, 17 (3), pp. 429-455.
- Choi, J.-H, Kim, C., Kim, J.-B., e Zhang, Y.,(2010). Audit Office Size, Audit Quality, and Audit Pricing. *Auditing: A Journal of Practice and Theory*, 29 (1), pp.73-97.
- Chow, C.W. e Rice, S.J. (1982), Qualified Audit Opinions and Auditor Switching, *Accounting Review*, 57, pp. 326-335.
- Citron, D.B. e Taffier, R.J. (1992), The Audit Report under Going Concern Uncertainties: An Empirical Analysis, *Accounting and Business Research*, 22 (88), pp. 337-345.
- Craswell, A., J. Francis, e S. Taylor. 1995. Auditor brand name reputations and industry specializations. *Journal of Accounting and Economics* , 20, pp. 297–322.
- Craswell, A.T. (1988), The Association Between Qualified Opinions and Auditor Switches, *Accounting and Business Research*, 19 (73), pp. 23-31.
- Davidson, Wallace N., Jiraporn, Pornsit e DaDalt, Peter J., (2004) Causes and Consequences of Audit Shopping: An Analysis of Auditor Opinions, Earnings Management, and Auditor Changes *Quarterly Journal of Business & Economics*, Winter/Spring2006, 45 Issue 1/2, pp. 69-87
- DeAngelo, L.E. (1981), Auditor Size and Audit Quality, *Journal of Accounting and Economics*, 3, pp. 183-199.
- DeAngelo, L.E. (1982), Mandated Successful Efforts and Auditor Choice, *Journal of Accounting and Economics*, 4, pp. 171-203.

- Dechow, P. M, Sloan, R. G., Sweeney, A. P., (1995), Detecting Earnings Management, *The Accounting Review*, 70 (2), pp. 193-225.
- DeFond, M., Francis, J., Wong, T. J., (2000). Auditor Industry Specialization and Market Segmentation: Evidence from Hong Kong. *Auditing: A Journal of Practice and Theory* , 19, pp. 49-66.
- DeFond, M., L. (1992), The Association Between Changes in Client Firm Agency Costs and Auditor Switching, *Auditing: A Journal of Practice and Theory*, 11 (1), pp. 16-31.
- DeFond, M. L., K. Raghunandan, e K. R. Subramanyam. (2002). Do non-audit service fees impair auditor independence? Evidence from going-concern audit opinion. *Journal of Accounting Research* , 40, pp. 1247–1274.
- DeFond, M., Subramanyam, K. R., (1998). Auditor Changes and Discretionary Accruals. *Journal of Accounting and Economics*, 25, pp. 35-68.
- Dopuch, N., e D. Simunic.(1980) The nature of competition in the auditing profession: a descriptive and normative view. In *Regulation and the Accounting Profession*, edited by J. Buckley and F. Weston, pp. 77-94, Belmont, California: *Lifetime Learning Publications*.
- Dye, R.A. (1991), Informationally Motivated Auditor Replacement, *Journal of Accounting and Economics*, 14 (2), pp. 347-374.
- Eichenseher, J.W. e Shields, D. (1983). The correlates of CPA - firm change of publicly-held corporations, *Auditing: A Journal of Practice and Theory*, 2(2), pp. 23-37.
- Ettredge, M., C. Li, e S. Scholz. (2007). Audit fees and auditor realignments in the Sarbanes-Oxley era. *Accounting Horizons*, 21 (4), pp. 371-386.

- Ettredge, Michael L., Heintz, Jim, Li, Chan e Scholz, Susan, (2010). Auditor Realignments Accompanying Implementation of SOX 404 ICFR Reporting Requirements (September), pp. 1-39. Disponível em: <http://ssrn.com/abstract=874836>
- Farmer, T.A., L.E. Rittenberg e G.M. Trompeter (1987). An investigation of the impact of economic and organizational factors on auditor independence. *Auditing: A Journal of Practice and Theory*. July, 7 (1), pp. 1-14.
- Firt, M. (2002), Auditor-Provided Consultancy Services and their Associations with Audit Fees and Audit Opinions. *Journal of Business Finance & Accounting*, June/July, 29 (5) & (6), pp. 661-693
- Firth, M, A. (1978). Qualified audit reports: Their impact on investment decisions. *Accounting Review* 53 (3), pp. 642-650.
- Francis, J.R., Maydew, E.L. e Sparks, H.C. ,(1999), The Role of Big Six Auditors in the Credible Reporting of Accruals, *Auditing: A Journal of Practice & Theory* ,18, pp. 17-35.
- Francis, J.R. e Wilson, E.R. (1988), Auditor Changes: A Joint Test of Theories Relating to Agency Costs and Auditor Differentiation, *Accounting Review*, 63 (4), pp. 663-682.
- Geiger M. A. e K. Raghunandan. (2002). Auditor tenure and audit reporting failures. *Auditing: A Journal of Prattice and Theory* 21 (1), pp. 67-78.
- Gómez-Aguilar, N. e Ruiz-Barbadillo, E. (2003), Do Spanish Firms Change Auditor to Avoid a Qualified Audit Report?, *International Journal of Auditing*, 7, pp. 37-53.
- Gul, F.A., Lee, D.S. e Lynn, M. (1992), A Note on Audit Qualifications and Switches: Some Further Evidence from a Small Sample Study, *Journal of International Accounting Auditing and Taxation*, 1(1), pp. 111-120.

- Haskins, M.E. e Williams, D.D. (1990), A Contingent Model of Intra-Big Eight Auditor Changes, *Auditing: A Journal of Practice and Theory*, 9 (3), pp. 55-74.
- Healy, P. e T. Lys (1986). Auditor Changes Following Big Eight Mergers with Non-Big Eight Audit Firms. *Journal of Accounting and Public Policy*, 5(4), pp. 251–265.
- Healy, P. M. e J. M. Wahlen. 1999. A review of the earnings management literature and its implications for standard setting. *Accounting Horizons* ,13 (4), pp. 365-383
- Hudaib, M. e Cooke, T.E. (2002), Qualified Audit Opinions and Auditor Switching, Working Paper, 02/05, University of Exeter, pp. 1-29 Paper disponível em <http://business-school.exeter.ac.uk/documents/papers/accounting/2002/0205.pdf>
- Hudaib, M. e Cooke, T.E. (2005), The Impact of Management Director Changes and Financial Distress on Audit Qualification and Auditor Switching. *Journal of Business Finance & Accounting*, 32, pp. 1703-1739.
- Ireland, J. C., e C. S. Lennox. (2002). The large audit firm fee premium: A case of selectivity bias? *Journal of Accounting, Auditing and Finance* 17 (1), pp. 73–91.
- Ismail, Shahnaz, Ali Ahmed, Huson Joher, Md.Nassir, Annuar e Abdul Hamid, Mohammad Ali (2008), Why Malaysian second board companies switch auditors : evidence of Bursa Malaysia, *International research journal of finance and economics*, vol. 13, pp. 123-130.
- Jensen, Kevan L. e Payne, Jeff L.(2005), Audit Procurement: Managing Audit Quality and Audit Fees in Response to Agency Costs. *Auditing: A Journal of Practice & Theory*. Vol. 24(2), November. pp. 27–48
- Jensen, M. C. e W. H. Meckling. (1976). Theory of the Firm: Managerial Behavior, Agency Costs, and Ownership Structure. *Journal of Financial Economics* , 3, pp. 305-360.

- Johnson V. E., I. K. Khurana, e J. K. Reynolds. (2002). Audit-firm tenure and the quality of financial reports. *Contemporary Accounting Research* 19 (4), pp. 637-660.
- Johnson, W.B. e Lys, T. (1990), The Market for Audit Services: Evidence from Voluntary Auditor Changes, *Journal of Accounting and Economics*, 12, pp. 281-308.
- Krishnan, J. e Stephens, R. (1995). Evidence on opinion shopping from audit opinion conservatism. *Journal of Accounting and Public Policy*, 14, pp. 179-201.
- Krishnan, J. (1994). Auditor switching and conservatism. *The Accounting Review*, 69, pp. 200-215.
- Krishnan, J., Krishnan, J. e Stephens, R.G. (1996), The Simultaneous Relation Between Auditor Switching and Audit Opinion: An Empirical Analysis, *Accounting and Business Research*, 26(3), Summer, pp. 224-236.
- Lennox, C. (2000). Do Companies Successfully Engage in Opinion-Shopping? Evidence from the UK. *Journal of Accounting and Economics*, 29, pp. 321-337.
- Lennox, C. (2002). Opinion shopping, audit firm dismissals and audit committees. Working paper, Hong Kong, University of Science and Technology, pp.1-48.
Disponível em: <http://ssrn.com/abstract=299843>
- Magee, R.P. e Tseng, M. (1990), Audit Pricing and Independence, *Accounting Review*, 65 (2), pp. 315-336.
- Moizer, P. and B. Porter (2004), Auditor Resignations and Dismissals in the UK, Research Report, (Institute of Chartered Accountants in England and Wales). London.
- Reynolds, J., e J. Francis. (2001). Client size and auditor reporting decisions: An office-level analysis. *Journal of Accounting and Economics* 30, pp. 375-400.

- Sbei, N. (2005), Analyse du Rôle Prédicatif des *Accruals* Discrétionnaires : Effet des Normes Comptables Utilisées, 26^o Congrès de Lille, Association Francophone de Comptabilité, Molina G. S. Disponível em: <http://hal.archives-ouvertes.fr/docs/00/58/12/87/PDF/82.pdf>
- Schipper, K. (1989). Commentary on Earnings Management. *Accounting Horizons*, 3 (4), pp. 91-102
- Schwartz, K.B. e Menon, K. (1985), Auditor Switches by Failing Firms, *Accounting Review*, 60 (2), pp. 248-261.
- Seabright, M. A., Levinthal, D. A., e Fichman, M., (1992). Role of individual attachments in the dissolution of interorganizational relationships. *Academy of Management Journal*, 35, pp. 122–160.
- Shu, S.Z., (2000), Auditor Resignations: Clientele Effects and Legal Liability, *Journal of Accounting and Economics*, 29, pp. 173-205.
- Smith, D.B. (1986), Auditor "Subject To" Opinions, Disclaimers, and Auditor Changes, *Auditing: A Journal of Practice and Theory*, 6 (1), Fall, pp. 95-108.
- Teoh, S.H. (1992), Auditor Independence, Dismissal Threats and the Market Reaction to Auditor Switches, *Journal of Accounting Research*, 30 (1), pp. 1-26.
- Teoh, S. H., Wong, T. J. (1993) Perceived Auditor Quality and the Earnings Response Coefficient. *The Accounting Review*. 68(2), pp. 346-366.
- Vanstraelen, A. (2003). Going-concern opinions, auditor switching, and the self-fulfilling prophecy effect examined in the regulatory context of Belgium. *Journal of Accounting, Auditing and Finance*, 18, pp. 231-253.
- Watkins, A. L., W. Hillison, e S. E. Morecroft. (2004). Audit quality: A synthesis of theory and empirical evidence. *Journal of Accounting Literature* , 23, pp. 153-193.

- Weiss, Renee E. e Kalbers, Lawrence P., (2008) Causes and Consequences of Auditor Changes: A Comparison of Accelerated and Non-Accelerated Filers (September 19). pp.1-31 Disponivel em: <http://ssrn.com/abstract=1270711>
- Wells, D., e M. Loudder. (1997). The market effects of auditor resignations. *Auditing: A Journal of Practice and Theory* (Spring), 16 (1), pp. 138-144.
- Whittred, G.P. (1980). Audit Qualification and the Timeliness of Corporate Annual Reports, *The Accounting Review*, 55 (4), pp. 563-577.
- Whisenant, Scott e Sankaraguruswamy, Srinivasan, (2000) Evidence on Whether Disclosures by Managers about Auditor-Client Frictions are Related to Changes in Either Auditor Quality Levels or Size (for Lateral-Quality Level Realalignments) (September). pp. 1-40. Disponivel em: <http://ssrn.com/abstract=244228>
- Windmoller, R. (2000), The Auditor Market and Auditor Independence, *The European Accounting Review*, 9(4), pp. 639-642.
- Williams, D. D. (1988), The Potential Determinants of Auditor Changes, *Journal of Business Finance & Accounting*, 15, pp. 243-261
- Woo E-Sah e Kon H.C (2001). Factors Associated With Auditor Changes: A Singapore Study. *Accounting and Business Research*, 31 (2), pp. 133-144.
- Xu, Hui Yong. (1998). Qualified Opinions and Unqualified Opinions with Explanations: No Significant Differences in Their Nature (in Chinese). *China Securities Daily*, April 20.
- Zerni, Mikko, (2009), Essays on audit quality. Faculty of Economics and Business Administration, Department of Accounting and Finance, University of Oulu, P.O.Box 4600, FI-90014 University of Oulu, Finland *Acta Univ. Oul.* G 39, pp. 1-42.